

**ELISABETH
SCHÜSSLER FIORENZA**

**CAMINHOS
DA SABEDORIA**

**UMA INTRODUÇÃO
À INTERPRETAÇÃO BÍBLICA
FEMINISTA**

**TRADUÇÃO
MONIKA OTTERMANN**



NHANDUTI EDITORA

**SÃO BERNARDO DO CAMPO
2009**

Texto original: © Elisabeth Schüssler Fiorenza 2001
Publicado por Orbis Books, Maryknoll, NY, EUA
Tradução brasileira: © Nhanduti Editora 2009
Título original: *Wisdom Ways: Introducing Feminist Biblical Interpretation*

A tradução brasileira foi possível graças a um acordo com a autora e com a Orbis Books.

Tradução e copidesque: Monika Ottermann
Revisão: Milene Chaves
Diagramação, capa e arte: Leszek Lech Antoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Schüssler Fiorenza, Elisabeth
Caminhos da Sabedoria. Uma introdução à interpretação bíblica feminista / Elisabeth Schüssler Fiorenza ; tradução Monika Ottermann. – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora, 2009, 256p.

Bibliografia.
ISBN 978-85-60990-08-5

1. Exegese feminista. 2. Hermenêutica feminista. 3. Bíblia. 4. Movimentos feministas. 5. Transformação sociopolítica.

I. Schüssler Fiorenza, Elisabeth II. Título.

CDD-230.82; 220.601; 305.42

Índices para catálogo sistemático:

- | | | | |
|---------------------------|---|--|---------|
| 1. Exegese feminista | : | Teologia feminista cristã | 230.82 |
| 2. Hermenêutica feminista | : | Hermenêutica bíblica | 220.601 |
| 3. Movimentos feministas | : | Papel e <i>status</i> social da mulher | 305.42 |

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Direção geral: Leszek Lech Antoni e Monika Ottermann
Coordenação editorial: Leszek Lech Antoni, Monika Ottermann, Lieve Troch

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos
09640-060 São Bernardo do Campo – SP
11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es
www.nhanduti.com

Boas-vindas da Editora

Este é mais um livro lançado pela Nhanduti, uma editora que tem a alegria de ter nascido no Brasil, na América Latina, no Planeta Terra para ser uma enredadeira:

junto com você queremos criar

redes em vez de centros
pontes em vez de muros
diálogos em vez de ataques
partilha em vez de indoutrinação
intercâmbio em vez de inimizade
relações de parceria em vez de dominação.

Entre – o livro é seu:

use,
recomende e
empreste
– mas não copie, por favor:
as vendas nos ajudam a produzir mais
crie coragem,
procure jeitos e junte gente para partilhar
e amadurecer idéias próprias
comente,
comunique e
discuta conosco qualquer coisa
que lhe chamou atenção.

Nhanduti Editora

O nome da editora é emprestado da palavra guarani *ñandu*, aranha, evocando a idéia da teia de aranha, da “rede” - *ñanduti*.

O termo *ñanduti* indica a renda paraguaia (cf. o lindo exemplo no logotipo) que nos serviu de inspiração para descrever as relações que nossa editora procura promover.

*Às/aos participantes
de meus cursos e oficinas
sobre Interpretação Bíblica Feminista
e
Narrativas de Mulheres nos Evangelhos*

*em agradecimento a suas perguntas críticas,
observações desafiantes
e projetos em grupo criativos*

*Agradecemos a Kerk in Actie
pela contribuição financeira com a produção deste livro.*

Nhanduti Editora

Sumário

Apresentação (Ana Maria Tepedino)	9
Agradecimentos	13
Introdução: Convite aos Caminhos da Sabedoria	15
A dança espiral da Sabedoria	21
Criando o círculo para dançar	26
Capítulo I: Mapeando o Terreno da Sabedoria	35
A província da Sabedoria	36
O espaço radicalmente democrático onde se aprende a Sabedoria	42
O paradigma sapiencial emancipatório da interpretação bíblica	52
Capítulo II: Barreiras nos Caminhos da Sabedoria	69
Capítulo III: Movimentos de Mulh*res – Lutas da Sabedoria	93
O espaço público radicalmente democrático de movimentos Sapienciais	95
Raízes históricas das lutas pela libertação	100
Um etos democrático emancipatório de base	103
Estudos bíblicos feministas como um movimento Sapiencial por transformação	105
Interpretações bíblicas feministas como um processo de conscientização	110
Capítulo IV: O Poder da Sabedoria: uma Análise social feminista	119
Categorias analíticas principais	124
Categorias analíticas dualistas	129
Uma análise sistêmica complexa	135
Quadros reconstrutivos feministas	143

Capítulo V: Os Passos da Sabedoria:

Métodos feministas de Interpretação	155
Métodos corretivos de interpretação	157
Métodos histórico-reconstrutivos	163
Métodos imaginativos de interpretação	169
Métodos de conscientização	172

Capítulo VI: A Dança da Sabedoria:

Movimentos e Giros hermenêuticos	187
Uma hermenêutica da experiência	191
Uma hermenêutica da dominação e do lugar social	194
Uma hermenêutica da suspeita	197
Uma hermenêutica da avaliação crítica	199
Uma hermenêutica da imaginação criativa	201
Uma hermenêutica da relembração e reconstrução	205
Uma hermenêutica da ação transformadora por mudança	209
Continuando nos caminhos sapienciais/Sapienciais da justiça	212

Explicação de termos (Glossário)	229
---	-----

Bibliografias	239
----------------------------	-----

1. Obras citadas neste livro	239
2. Obras recomendadas pela autora (em inglês)	242
3. Obras recomendadas pela Nhanduti Editora (em português e espanhol)	245

Índice temático	249
------------------------------	-----

Apresentação

Este é um livro diferente daqueles a que Elisabeth Schüssler Fiorenza nos acostumou através de sua larga produção. Trata-se de um convite para aprender a interpretar a bíblia no paradigma da sabedoria/Sabedoria. A dupla metáfora: sabedoria, como qualidade que se adquire, e Sabedoria, como representante bíblica feminina da divindade.

Elisabeth começa afirmando que é um livro de Espiritualidade, e nos convida a entrar na “dança espiral da Sabedoria”. Como dançar sozinha é muito ruim, ela explica que esta dança deve ser comunitária, realizada em grupo, pois é necessário tirar a bíblia do espaço privado e passar para o espaço público, ou como chama: *ekklesia de mulh*res, lembrando a assembleia democrática onde se resolviam os problemas*. Explicita também a importância de continuar a trabalhar com a bíblia (o que é questionado por algumas teólogas feministas), pois ela afirma a importância que a bíblia continua a ter na vida de muitas mulh*res¹. Aponta como preparação para o primeiro passo, o desafio espiritual, a capacidade de indignação ética ante a injustiça e violência sofridas pelas mulheres ao redor do mundo.

Uma espiritualidade bíblica feminista parte de uma hermenêutica da experiência das mulh*res e nos leva a um compromisso de aprender a ler e compreender a bíblia a partir da ótica da crítica ao patriarcalismo (que oprimiu, marginalizou e silenciou as mulheres), entendido em termos sistêmicos, sociopolíticos e teológicos; denuncia a codificação dualista e assimétrica: masculino = positivo, feminino = negativo; branco = positivo; negro = negativo; elite = positivo; subalterno = negativo, cristão = positivo, judaico/muçulmano = negativo. Desse modo, os textos bíblicos kyriocêntricos² que reforçam nas mulheres suas experiências de inferioridade e cidadania de segunda classe, ao internalizarem esta perspectiva que é

1 E. SCHÜSSLER FIORENZA escreve wo/men em inglês para diferenciar as mulheres que, conscientes da desumanização que sofreram por causa do sistema patriarcal, assumiram uma nova postura com relação à própria vida. Em português se traduziu mulh*res por este motivo. [N. da Ta.: cf., porém, as explicações da autora e da tradutora nas p. 74 e 235.]

2 KYRIOCÊNTRICO de KYRIOS, Senhor. Palavra cunhada por ela para falar do pai, amo, senhor, proprietário, que se considera a única imagem de Deus, Pai todo-poderoso e por isso pensa que é divino.

afirmada como sendo revelação divina. Daí, o objetivo da leitura bíblica feminista crítica vai ser a justiça e a transformação. Por isso, intelectuais, ativistas, grupos de mulheres são convidadas/os a começar a aprender a dançar. A proposta é explorar as possibilidades de elaborar uma espiritualidade bíblica feminista que impulse a luta por autoestima, a sobrevivência e a libertação. Os caminhos da Sabedoria vão ajudar a quem lê a Escritura a descobrir até que ponto sua própria compreensão desta está, ainda, presa aos discursos patriarcais hegemônicos, assim como entrar em contato com os mananciais de justiça e com as imagens do poder sagrado e vivificador que elas propõem.

As teólogas feministas estamos utilizando a linguagem metafórica como a mais apropriada para este momento de pós-modernidade no qual estamos vivendo. A teologia metafórica é uma tentativa de falar do Mistério, da presença salvífica, cujo significado conhecemos. Elas revelam e ocultam, proporcionam um saber diferente para que cada pessoa integre o sentido no progresso intelectual, onde o sensível e a razão caminham juntos e são valorizados como parte integrante da natureza humana. Na verdade, ela é mais uma explicação do que uma definição, o importante é que faz pensar.

No nosso caso, a dança da Sabedoria é uma metáfora que explicita o seu envolvimento nos assuntos da humanidade e da criação (cf. Sb 7,22-25.27-30), e Schüssler Fiorenza os utiliza para falar dos movimentos metodológicos de uma leitura bíblica feminista crítica libertadora, e aos poucos vai nos introduzindo nos passos de uma dança pedagógica, que nos afasta da concepção de espiritualidade habitual. Com maestria, Elisabeth vai abrindo as cortinas de uma janela por onde começamos a descortinar uma paisagem nova: a casa da Sabedoria, construída sobre sete colunas, onde ela preparou a comida, escolheu um bom vinho, enviou suas ministras com o convite: deixai a imaturidade e vivei, e andai no caminho da Sabedoria (cf. Pr 9,1-3.5-6). Convite a uma vida de plenitude!

Para entrar nesta casa cosmopolita, é preciso aprender os passos, pois são variados: há passos circulares, reviravoltas e passos para frente e para trás. Na dança estão juntos os passos da metodologia crítica da bíblia com os dos conteúdos que falam da Sabedoria. Pois o ensinamento sapiencial não separa fé e conhecimento, não divide o mundo em religioso e profano, mas fornece um modelo para viver uma “mística do cotidiano” que faz apelo à razão e à emoção, portanto, com saber e sabor, e se estende a todos os âmbitos da vida e se compromete com o cultivo da justiça e equidade. Sem esquecer os movimentos e a dança, estabelecendo associações, e aprendendo da experiência própria e das outras. A consciência feminista começa com o reconhecimento que as mulh*res fazem de que seu internalizado “ser menos”, isto é, sua inferioridade e opressão, são estruturais, e não são sua culpa. Esta descoberta é o reconhecimento de que uma mulh*r pertence a um grupo oprimido e explorado, mesmo quando ela se encontra

individualmente numa situação privilegiada e tranquila. É a descoberta de que o político é pessoal, e vice-versa.

A intencionalidade da dança é a leitura bíblica crítica feminista de libertação, e através dela dar uma reviravolta nas situações de opressão-marginalização-desvalorização-violência, vividas pelas mulheres no contexto patriarcal. Esta reviravolta é um passo difícil porque exige uma conversão (*metanoia*) interna (de compreensão) e externa (de comportamento), enfrentando inúmeras barreiras que não devem nos desencorajar, mas, ao contrário, tornar-nos mais conscientes delas, para poder tirá-las do caminho. É uma percepção do todo, que não perde de vista o particular, nem o relativo, nem a dificuldade das relações. A Sabedoria capta a complexidade e persegue a integridade das relações. Elisabeth não apenas fala das barreiras, mas também ensina os passos para a construção de identidades saudáveis e produtivas.

A bíblia deve ser concebida como uma ferramenta de ajuda: para tomar consciência das estruturas de dominação, inseridas no texto e na interpretação, e para elaborar visões da democracia radical. Por isso, esta dança precisa de um traçado (uma teoria) capaz de indicar caminhos para poder conceituar este horizonte democrático. Em vista disso, a proposta de uma leitura crítica feminista dos textos bíblicos é política e se articula não apenas com a teologia, mas com os movimentos sociopolíticos pela transformação. Este modelo de aprendizagem radicalmente democrático da “casa cosmopolita” da Sabedoria compromete-se com o questionamento e debates críticos para poder chegar a um juízo deliberativo sobre as contribuições que a bíblia oferece para o bem-estar de cada pessoa, para a autodeterminação e autovalorização democráticas. Introduce à prática de um compromisso mais profundo e uma percepção mais penetrante não só do texto, mas também do próprio eu e do mundo. A bíblia não é neutra, foi escrita e interpretada dentro do paradigma patriarcal, e precisa de muita atenção e vigilância para se descobrir os sentidos ocultos. Os textos devem ser entendidos nos seus contextos e comparados com os nossos contextos hoje, em um processo contínuo de conscientização. As lutas das mulheres pela igualdade radicalmente democrática visam abolir as relações de dominação e dependência e possibilitar que pessoas subjugadas se estabeleçam como parceiras plenas e iguais.

A intenção da dança da Sabedoria não é meramente intelectual, pois a preocupação não é esclarecer textos da Escritura, mas é vital, tem como finalidade inserir as mulheres de forma consciente nos movimentos por justiça e bem-estar, enfim, ensinar a viver com todas suas potencialidades.

Nesta dança, a música é executada por uma multiplicidade de vozes, inclusive vozes raramente ouvidas, como as do Sul, as das mulheres populares que não têm estudo, mas têm experiências. As ministras da Sabedoria cantam: “Venham, entrem na roda também, vocês são muito importantes. Venham!”

Elisabeth através de suas viagens tomou contato com muitas distintas realidades, muitos horizontes, muitas diferenças: pois as mulheres somos muito diferentes, o que temos em comum é a opressão e a violência sofrida. Por isso, ela foi ficando mais e mais permeável às injustiças e coloca neste livro anos de prática e leitura bíblica em chave feminista de libertação, para empoderar as mulheres a percorrerem um caminho que as ajudasse a ser pessoas humanas inteiras. Acentua o feminismo bíblico como movimento político que visa oferecer meios de superação, pois uma política de interpretação radicalmente democrática não pode se limitar a desconstruir posições estruturalmente patriarcais, mas deve colaborar positivamente para uma construção baseada em posições subjetivas alternativas em prol da libertação.

O desafio hoje é abrir a conversação hermenêutica da maneira mais ampla possível para os interesses das lutas por justiça. Para isso, atualiza narrativas bíblicas através da imaginação criadora, mas também através de formas não discursivas: bibliodrama, dança, canto, poesia, narrações livres, psicodrama. Oferece material pedagógico para ser elaborado, propondo assim passos adiante.

Busca escutar as vozes de teólogas judias, *womanistas*³, *mujeristas*⁴, do Sul: América Latina, Ásia e África, de diversas religiões e etnias, de mulheres da base e da academia, hétero e homossexuais. E também escutar as vozes de homens que participam de projetos de libertação.

Com a teoria e teologia da Libertação, Schüssler Fiorenza explicita a perspectiva do poder, que as mulheres tanto temem. Distingue o “poder sobre” ou “dominação” do “poder para” a “energia e criatividade”. Este é o poder da Sabedoria, que deve ser vivido pelas mulh*res.

Utiliza conceitos do nosso querido Paulo Freire, que tanto nos ensinou sobre consciência oprimida, para explicar a situação dos/das oprimidas/os, aprendendo a reconhecer sua consciência colonizada e a mudar a si mesmo e a situação; do nosso querido Augusto Boal, com sua técnica do Teatro do Oprimido como passos desta dança espiral de conscientização e libertação, e da leitura popular bíblica latinoamericana, que compara a experiência da vida das pessoas com as dos tempos bíblicos, resultando numa mudança de consciência, semelhante ao psicodrama, mais alguns passos entre tantos outros nesta dança espiral, para podermos atender ao convite que a Sabedoria nos faz!

Ana Maria Tepedino
CEAQ-Sorbonne-Paris
30/05/2009

3 Womanist: termo cunhado nos EUA para falar da teologia feminista negra.

4 Mujerista: termo cunhado nos EUA para falar da teologia feminista das latinas, que moram naquele país.

Agradecimentos

Muita gente contribuiu com as ideias deste livro. Desde 1985 tenho ministrado – primeiro na *Episcopal Divinity School* e depois na *Harvard Divinity School* – cursos sobre a Interpretação Bíblica Feminista (*Feminist Biblical Interpretation*), por estudantes carinhosamente chamada de *FBI*. Também aprendi muito com as/os participantes de minhas oficinas sobre Interpretação Bíblica Feminista na Índia, nas Filipinas, no Brasil, no Chile, na Suíça, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e nos Estados Unidos da América. Sou grata por ter tido a oportunidade de ensinar sobre Hermenêutica Bíblica Feminista como professora convidada na Universidade Humboldt em Berlim em 1997 e na Faculdade de Teologia Protestante em Heidelberg em 1999 (ambas na Alemanha). Em profunda gratidão dedico este livro às/aos muitas/os estudantes e colegas que tornam possíveis essas oficinas e aulas e participam delas.

Minha apreciação e meus agradecimentos especiais dirigem-se às/aos estudantes e às minhas professoras ajudantes Melanie Johnson-DeBaufre e Deborah Whitehead dos cursos de Interpretação Bíblica Feminista (1999) e de Narrativas de Mulh*res nos Evangelhos (2000). Tive o privilégio de discutir com elas/eles tanto algumas partes como a íntegra do manuscrito e gostaria de expressar minha profunda gratidão por todas as suas sugestões, seu entusiasmo e *insights*. Espero que tenham aproveitado desse processo tanto quanto eu aproveitei de seu *feedback* crítico.

Também agradeço o trabalho e as sugestões de minhas assistentes de pesquisa Emily Neill que cuida de minhas boas relações com a biblioteca, Lyn Miller que leu a primeira prova do manuscrito e Laura Beth Bugg que revisou a prova final e colaborou na elaboração do glossário. Minha secretária Hilary Muzingo digitou algumas aulas em preparação deste livro. Após sua saída, Chanta Bhan e Gail Morgan mantiveram as coisas funcionando na etapa final do projeto. Sou grata a todas elas, por sua assistência e seu trabalho.

Finalmente, sem a paciência inesgotável e insistência persistente de meu editor, Robert Ellsberg, eu jamais teria terminado esta obra. Anos atrás, Robert pediu que eu escrevesse uma pequena introdução de cem páginas à hermenêutica bíblica feminista e, ao longo dos anos, ele não parou de perguntar pelo progresso do manuscrito. Sou grata não só pela sua persistência, mas também pela editoração cuidadosa do manuscrito. Seu conselho versado foi muito bem-vindo nas fases finais do manuscrito. Também gostaria de expressar meus agradecimentos a Roberta Savage que fez a arte da capa e à coordenadora de produção Catherine Costello que guiou o manuscrito pelas distintas fases da produção.

Como sempre, estou em dívida com Francis e Chris. Palavras não são suficientes para expressar o quanto estimo e valorizo seu apoio infalível e amor irrestrito.

Introdução

Convite aos Caminhos da Sabedoria

Durante a década de noventa, a espiritualidade tornou-se um assunto central não só na teologia, como também em formas comercializadas de grupos de autoajuda e de diversos movimentos de *New Age*. O *Wall Street Journal* noticia que espiritualidade e a procura por sentido são um negócio que rende bilhões de dólares. Empresas líderes no mundo todo voltam-se para o poder da espiritualidade, ao procurar propagar seus objetivos comerciais e inspirar pessoas a darem o melhor de si na praça de mercado global.

Sendo que a bíblia¹ é uma das fontes principais para a espiritualidade tradicional, é importante aprofundar compreensões diferentes de espiritualidade e analisar os vínculos entre uma espiritualidade feminista crítica e as lutas feministas globais por libertação e bem-estar (cf. Pilar Aquino / Schüssler Fiorenza). Contudo, a bíblia não pode ser considerada simplesmente como uma fonte ou um recurso feminista, já que foi acusada por feministas de inculcar valores e visões patriarcais ou, melhor, kyriarcais (isto é, de dominação do senhor, do amo de escravos/as, do pai, da elite masculina). Ainda assim, seja como fonte de bem-estar, seja como fonte de dependência de uma autoridade, a bíblia ainda é central na vida de muitas mulh*res.² Sua visão de justiça e amor ainda inspira muitas mulh*res em suas lutas por dignidade e bem-estar. Se o desafio espiritual para todas/os nós é hoje recuperar e resgatar a capacidade de indignar-se com a injustiça e de preocupar-se com o bem-estar de cada mulh*r no globo, então femi-

1 N. da Ta.: o uso da minúscula segue a opção da autora.

2 Para a explicação desta forma de escrever “mulher” e “mulheres”, cf. o Glossário.

nistas não podem se dar ao luxo de descartar a bíblia e de desconsiderar seu poder nas vidas de mulh*res.

Por isso, engajar-se em uma espiritualidade bíblica feminista significa aprender como ler/entender a bíblia desde o ponto de vista de uma teoria feminista de justiça e de um movimento feminista pela mudança. Por isso, estudiosas e militantes feministas no âmbito da religião desenvolveram um novo caminho para interpretar a bíblia (e outros textos culturalmente influentes), para evitar que o conhecimento bíblico fosse produzido no interesse da dominação e da injustiça. Estamos engajadas não só na atividade de criar um sentido bíblico feminista enquanto uma “interpretação” que não esteja simplesmente preocupada em dar ao texto seu “tributo” mediante uma “exegese” correta ou uma “leitura fiel”. Estamos também preocupadas em analisar as contextualizações de tais interpretações nas vidas das mulh*res, vidas inseridas em estruturas de dominação.

Neste livro convido você a experimentar e engajar-se nas possibilidades de elaborar uma espiritualidade bíblica feminista que sustenta e não abafa lutas por autoestima, sobrevivência e transformação. Já que, para muitas mulh*res, a bíblia ainda funciona como uma autoridade espiritual, *Caminhos da Sabedoria* procura assessorar aquelas que leem a bíblia (ou qualquer outro texto da corrente dominante masculina [cf. Glossário]) na descoberta de como sua própria compreensão bíblica permanece presa em discursos kyriocêntricos, e procura também ajudá-las a entrar em contato com as fontes vivas de justiça e de visões do poder sagrado vivificador contidas na bíblia. Seja você um(a) leitor(a) da bíblia, seja que jamais a leu ou que parou de lê-la, convido você a se tornar um sujeito crítico, isto é, autodeterminado, da interpretação e da visão espiritual. A tarefa não é identificar, de uma vez por todas, textos e visões opressores ou libertadores, mas aprender como “discernir os espíritos” que operam em textos bíblicos, como identificar suas funções que podem dar vida ou dar morte em diferentes contextos; é aprender caminhos de sabedoria/Sabedoria na tomada de decisões e na responsabilidade definitiva.

Como sugeri em *But She Said* (Ela, porém, disse) e *Sharing Her Word* (Partilhando a palavra dela) (Schüssler Fiorenza 1992; 1998), a melhor maneira de entender a pesquisa bíblica feminista é vê-la como uma prática no horizonte da Divina Sabedoria, como busca de Sua presença e sustento no caminho, como aprendizagem dos caminhos Dela ou como engajamento nos passos e movimentos de Sua dança circular espiral de interpretação. Andar nos caminhos da Sabedoria é andar nos caminhos da justiça. Ler/escutar a bíblia “no caminho da sabedoria/Sabedoria” significa interpretá-la em termos de justiça e bem-estar, significa tornar-se sábia/o e sagaz. Por isso convido você, antes de tudo, a participar das lutas feministas e dos movimentos da Sabedoria por autoafirmação e justiça. Não quero persuadi-la/lo e bajulá-la/lo para ler a bíblia, e nem pretendo ensinar a leitura “correta”, mostrar

a “aplicação” correta das interpretações acadêmicas para sua situação, ou persuadi-la/lo a aceitar uma interpretação, minha ou de outra pessoa, sem questionamentos. Quero, sim, convidá-la/lo a aprender como interpretar a bíblia no paradigma da sabedoria/Sabedoria. A metáfora da sabedoria enquanto qualidade e mentalidade e da Sabedoria enquanto uma configuração feminina bíblica do Divino é a chave para entender este livro.

Sendo que estudos bíblicos geralmente distinguem entre “exegese” e “apropriação”, entre “interpretação” e “aplicação”, você poderia estar acostumada/o a esse modelo de dois passos de interpretação. Contudo, eu não aprovo esse modelo hermenêutico³ dicotômico. Segundo modelos dualistas desse tipo, chegamos primeiro à “compreensão” de um texto e de uma tradição, e depois, num segundo passo, “aplicamos” nossa interpretação a questões e assuntos contemporâneos. Nesse modelo, alguém se dedica à exegese e interpretação para que possa “aplicar” o texto à vida atual.

Em vez desse modelo proponho um modelo diferente. Concebo a tarefa da interpretação feminista em termos emancipatório-retóricos. A retórica leva em conta que textos procuram persuadir e argumentar, que são mensagens e argumentações, e não afirmações e explicações objetivas. Além disso, estudiosas/os da bíblia não têm a tarefa de “popularizar” e “aplicar” os resultados das pesquisas, para que leitoras/es comuns possam se apropriar deles. Em vez disso, entendo estudiosas feministas da bíblia como parte de um movimento social que, por isso, devem articular os valores e perspectivas desse movimento como quadros teóricos para a pesquisa e o estudo críticos da bíblia. Seja você um(a) leitor(a) crente da bíblia ou alguém que a aprecia como um tesouro cultural, tornar-se um(a) leitor(a) feminista significa mudar seu foco desde a interpretação bíblica compreendida como uma explicação que é melhor que o próprio texto para uma interpretação bíblica enquanto uma ferramenta para se tornar consciente de estruturas de dominação e para articular visões de democracia radical que estão inscritas tanto em nossa própria experiência como na experiência dos textos.

Caminhos da Sabedoria quer introduzi-la/lo à prática e ao processo de tal “criação de sentido” feminista que significa uma busca de compreensão e *insight* mais profundos não só acerca da bíblia, mas também do próprio Eu e do mundo, em prol do compromisso com lutas pela sobrevivência e pela justiça. Por isso convido você a viajar comigo no caminho que leva à casa aberta da Sabedoria. Entre vocês pode haver viajantes experimentados/as e “marinheiras/os de primeira viagem” que jamais leram a bíblia inteira, mas que estão comprometidas/os com lutas feministas por justiça. Outras/os ainda podem estar familiarizadas/os com a interpretação bíblica, mas ainda não perceberam a importância de lutar contra todas as formas de dominação e em favor de uma compreensão certa da bíblia. Mas todas/os vocês parecem estar interessadas/os em aprender mais sobre estu-

3 Entendo hermenêutica como a teoria e prática da interpretação.

dos bíblicos feministas, já que começaram a ler este livro.

Imagino que você pegou este livro porque quer se juntar a mim nesta viagem para a casa aberta da Sabedoria, embora você possa ainda ter saudades das paredes familiares e protetoras de seu lar. Pode ser que nos tenhamos encontrado numa de minhas numerosas conferências e viagens. Ou você pode ter escolhido este livro não porque já ouviu falar de meu trabalho ou já leu alguma coisa sobre hermenêutica feminista, mas porque está cursando uma introdução a estudos bíblicos numa faculdade ou num seminário, e esta leitura básica consta na lista das leituras exigidas ou recomendadas. Você poderia ser também um(a) professor(a) que está procurando algum material introdutório à bíblia ou ao feminismo, ou a ambos. Ou você não tem nada a ver com o mundo acadêmico, mas, mesmo assim, está lendo este livro porque está interessada/o na bíblia ou quer saber mais sobre teologia feminista. Você pode estar discutindo as propostas de *Caminhos da Sabedoria* num círculo bíblico de sua igreja ou sinagoga, ou pode ter escolhido o livro para a leitura num grupo de mulh*res.

A imagem ideal que faço de você é de uma militante e intelectual feminista que zela apaixonadamente pela justiça para mulh*res, porque está inspirada pela visão bíblica de igualdade e bem-estar para todas as pessoas. Seja qual for o motivo pelo qual você se juntou a mim na estrada para o espaço aberto, radical, democrático e inclusivo da Sabedoria Divina – ao pegar este livro, você deu o primeiro passo da dança espiral no caminho para a casa aberta da Sabedoria que não tem fronteiras nem exclusões.

Num primeiro momento, você poderia estar decepcionada/o, porque este livro é e não é um dos muitos manuais de espiritualidade do tipo “Como...” (Como ler, Como ser, Como fazer...) que inundam o mercado. Por um lado, *Caminhos da Sabedoria* procura introduzir aquelas pessoas que desejam aprender como “fazer” o trabalho da interpretação bíblica feminista a esta nova área emergente de estudos bíblicos críticos. Por outro lado, *Caminhos da Sabedoria* desafia você a abandonar convicções acalentadas por muito tempo, por exemplo, a visão de que o texto bíblico é uma janela perfeitamente clara para a realidade histórica de mulh*res, de que D**s o escreveu, de que é um texto-fonte histórico que fornece dados e evidências que documentam a realidade de mulh*res, ou a visão de que ela contém ordens e prescrições que são revelações atemporais e normas fixas dadas de uma vez por todas. *Caminhos da Sabedoria* desafia você a abandonar essas noções pré-concebidas e a ver que a bíblia é um discurso retórico perspectivo que constrói mundos teológicos e universos simbólicos em situações histórico-políticas particulares.

Após muita discussão sobre como escrever este livro, cheguei à seguinte opção: eu poderia escrever um levantamento de diferentes posições hermenêuticas feministas, um livro de textos que esmiuçasse os resultados da pesquisa bíblica feminista, ou uma obra acadêmica um tanto superficial so-

bre hermenêutica feminista e retórica, para o consumo popular. Finalmente, após um longo passeio na praia, contemplando a luz que jamais para de mudar e as ondas que jamais param de se movimentar, algo que retrata para mim a presença da Sabedoria Divina que não para de nos tocar, decidi o seguinte: tentaria propor a você quadros hermenêuticos ou lentes para ver a Sabedoria dançar como o sol dança brilhando na superfície das águas. Tais métodos e movimentos hermenêuticos podem também ser compreendidos como sapatos para a caminhada nos Caminhos da Sabedoria.

Contudo, não quero dar-lhe prescrições de uso pronto sobre como fazer interpretação bíblica feminista. Em vez disso, convido você a tornar-se um sujeito da interpretação e a reconhecer as ferramentas para engajar-se numa abordagem crítica à leitura e interpretação de textos bíblicos. A afirmação de Audre Lorde, de que “as ferramentas do dono jamais vão derrubar a casa do dono” tornou-se um lugar comum em discursos feministas. Essa declaração é verdadeira quando se entende as ferramentas da pesquisa como regras, normas e regulamentos que determinam como fazer um trabalho intelectual. Contudo, métodos e modos de pesquisa podem também abrir novas questões e problematizar respostas, normas e regras padronizadas. Usados como “ferramentas” para desconstruir a “casa do dono”, métodos de pesquisa podem servir para reconstruir uma casa nova e diferente, a casa aberta da Sabedoria, à medida que descartamos as estruturas e as teorias intelectuais do “dono” e que não as usamos como plantas e matrizes.

Entretanto, *Caminhos da Sabedoria* pretende falar não somente a estudantes e leitoras/es que são feministas. Procura também persuadir aquelas pessoas que, até agora, resistiram à designação “feminista”. Pretende dirigir-se àquelas pessoas que estão interessadas na área emergente da crítica emancipatória à bíblia, uma área – ou, como prefiro dizer, uma prática – que foi iniciada, moldada e “desbravada” por estudos bíblicos feministas. Além disso, estudos bíblicos não são simplesmente uma área de pesquisa que compete à academia ou à igreja, mas são uma prática intelectual, uma dança circular espiral que não está restrita à academia ou ao seminário, mas que cria seus próprios públicos, movimentos, discursos e audiências.

Sendo que não é amplamente reconhecido que estudos bíblicos feministas contribuíram consideravelmente com a articulação de caminhos novos e diferentes de ler a bíblia, pretendo remediar essa falta de informação ao introduzir a excitante nova área de estudos emancipatórios, à qual pertencem a área e a prática dos estudos bíblicos feministas. Já em outros espaços argumentei que é preciso dizer e reconhecer que o novo paradigma emergente de estudos bíblicos está engajado na “retórica emancipatória” e que não é meramente “ideológico”, “pós-colonial” ou “cultural”. Isso se deve ao fato de que, assim como a crítica histórica da corrente dominante masculina, também a crítica ideológica e a crítica bíblica cultural e pós-

colonial, em sua maior parte, não fizeram mulh*res sujeitos da interpretação, intelectuais inseridas/os ou agentes históricas/os que fossem centrais para suas estruturas teóricas. Tampouco reconheceram suficientemente a importância da análise de gênero para estudos bíblicos ou desenvolveram uma ética de interpretação que sempre leva em conta experiências de mulh*res quando analisa o lugar social e o funcionamento do poder no âmbito do discurso.

Além disso, embora a expressão “leitura” seja hoje geralmente preferida à noção tradicional de “exegese”, prefiro a palavra “interpretação” em vez de “leitura” e “exegese”. Enfocar a atividade de interpretar e não a atividade de ler ou de fazer exegese parece mais apropriado porque muitas mulh*res neste mundo ainda são (estão!) iletradas ou quase não conseguem ler. Isso não significa que quero reforçar a noção romântica de que “cultura oral”, “estórias” e “contar histórias” seja mais feminista do que ler e escrever. O fato é que a maioria das mulh*res no mundo são iletradas porque são pobres demais ou proibidas de ir à escola por causa de seu gênero. A associação entre ser letrada e ser livre, bem como o potencial ambíguo e duvidoso da condição de ter sido alfabetizada, revelam-se na história que Ella Butler – que foi obrigada a trabalhar como escrava numa fazenda em Louisiana – partilhou numa entrevista. Nos dias da escravidão, as pessoas brancas, quando saíam, salpicavam o chão em frente da porta da dispensa com farinha e escreviam nessa farinha com o dedo ou com uma varinha, de modo que ninguém podia entrar e roubar comida sem pisar na escrita em frente da porta. Esse gesto de escrever no interesse da dominação e da exclusão foi logo subvertido porque, como constata Butler ironicamente, “Foi assim que nós aprendeu escrever” (*That’s the way us learn how to write*”; cf. Gundaker, 757).

À diferença da “leitura”, a prática da interpretação pode ser realizada por todas as pessoas, ainda que não estejam letradas ou profissionalmente formadas nisso, e ela atinge o sentido tanto de “textos” escritos como orais. A troca da leitura pela interpretação, da análise de gênero pela análise feminista, inicia a troca de uma metodologia centrada no texto por uma metodologia emancipatória de conscientização. Interpretar a bíblia nos “caminhos da Sabedoria” tem por meta gerar a ação certa e alcançar o “bem-viver”.

Em resumo, aqui estou interessada no engajamento numa crítica social e uma análise política de tradições bíblicas e discursos contemporâneos que se comprova, no nível pragmático, por sua contribuição com um aumento de libertação e bem-estar. Sendo que o movimento feminista me levou a entender-me como uma intérprete crítica, meu trabalho procura explorar questões centrais de mulh*res à luz da teoria crítica e analisá-las como condicionadas por estruturas de opressão e desumanização.

É isso que entendo por um critério interpretativo retórico. Uma leitura

textual ou análise contextual deve ser julgada com base no critério se ela funciona como empoderamento de mulh*res em suas lutas por sobrevivência e transformação. Esse critério pragmático para a avaliação ética e teológica é justificado porque estudos feministas em geral e estudos bíblicos feministas em particular devem sua existência e inspiração não à academia, mas a movimentos sociais que buscam a mudança.

Para resumir minha preocupação central: em contraste com outros livros escritos para serem introduções à bíblia, *Caminhos da Sabedoria* está interessado não tanto em explicar *o que* estamos lendo na bíblia, mas em explorar *como* interpretar criticamente no interesse de mulh*res. O objeto de seu estudo não é somente a bíblia, mas também as maneiras como mulh*res entendem a bíblia (ou qualquer outro texto ou tradição), e o modo como tal produção de sentido afeta nossa autopercepção, nossa compreensão do mundo e nossas visões da vida e do bem-estar. Em suma, neste livro convido você a descobrir junto comigo o que significa engajar-se numa interpretação/leitura crítica da Escritura (ou de qualquer outro texto), em prol da libertação.

A dança espiral da Sabedoria

Para facilitar-lhe a participação na dança espiral da hermenêutica bíblica feminista e no processo de aprender como interpretar de um modo crítico feminista, procurei escrever da maneira tão clara e acessível quanto possível. Também procurei não sobrecarregar o texto com um número exagerado de notas ou com discussões técnicas minuciosas. Contudo, escrever com clareza não significa simplificar assuntos complexos para torná-los mais agradáveis. Meu objetivo não é satisfazer o consumidor, nem repetir argumentos acadêmicos de modo popularizado. Meu objetivo é encorajar leitoras/es a explorar e analisar criticamente tanto estudos bíblicos feministas como a própria bíblia. Por isso não podemos evitar completamente termos técnicos, por exemplo, “hermenêutica”, “exegese” ou “semiótica”, já que tal linguagem técnica é muitas vezes uma expressão abreviada para problemas complexos.

Depois de terminar um esboço básico, partilhei o manuscrito com participantes de minhas aulas sobre Narrativas de Mulh*res nos Evangelhos. Seus aportes críticos e construtivos melhoraram o texto consideravelmente e ajudaram-me a clarificar ou reformular minhas argumentações. Isso me animou e encorajou a publicar o texto o mais rápido possível, com todas as suas limitações. A maioria das notas foi acrescentada mais para responder a perguntas de estudantes do que por causa de uma discussão com a academia atual. Assim, *Caminhos da Sabedoria* representa um pequeno exemplo de como a interpretação bíblica é realizada no espaço radical-

mente democrático⁴ da Divina Sabedoria.

A pessoas interessadas numa discussão mais técnica recomendo minhas outras obras mais técnicas, nas quais você encontrará exaustivas notas e bibliografias que documentam as ideias que estou propondo aqui. Para as pessoas que não têm acesso a uma biblioteca ou à internet, ou que não têm os meios de adquirir outro livro, acrescentei um pequeno dicionário ou glossário. Se você precisar de mais informações, recomendo a consulta de uma edição anotada e de estudo da bíblia, ou de um dicionário ou enciclopédia bíblica que expliquem e traduzam a linguagem acadêmica, lembrando que tais explicações sempre trazem certas compreensões e visões do mundo.

É importante que você se familiarize com o uso da linguagem técnica (p.ex., com a palavra “hermenêutica”) e com seus pressupostos metodológicos implícitos. Para dismantelar a barreira entre a linguagem especializada e a linguagem cotidiana, feministas precisam ser capazes de falar os dois dialetos. Esse conhecimento torna-nos capazes tanto de entrar numa conversa sobre questões complexas e difíceis da interpretação, como também de reconhecer as estruturas e pressupostos hermenêuticos que transportam. Sendo que a linguagem técnica muitas vezes é usada para manter pessoas, que não pertencem ao “grêmio” dos estudiosos acadêmicos ou pregadores bíblicos, em sua condição de marginais ignorantes, é importante democratizar essa linguagem e torná-la acessível às pessoas interessadas. Muitas estudantes mulh*res partilharam comigo a experiência de que alguém as desencorajou de usar termos técnicos e lhes disse que não precisavam sobrecarregar suas lindas cabecinhas com isso. Desse modo, evitar em vez de explicar a linguagem técnica “científica” pode funcionar como uma arma poderosa para manter a exclusão e a ignorância de mulh*res. Esse truque de esconder a linguagem acadêmica especializada tem um efeito ainda mais pernicioso quando é usado para reforçar aquelas práticas da socialização cultural feminina que tornam mulh*res “cidadãs de segunda classe” na sociedade, religião e academia, sob simultâneo destaque para suas virtudes “femininas”.

4 Acrescentei “radical” a “democracia” para indicar que aquilo que tenho em mente não é o governo representativo nem o governo da maioria, mas uma democracia orientada pelas raízes (“radical” vem de *radix* = raiz) ou, melhor, uma democracia a partir das bases [*grassroots democracy*], algo que significa o exercício do poder por pessoas que são todas iguais. Mas com “ser igual” não quero dizer “ser idêntico”. Igualdade radical significa a abolição das desigualdades desumanas existentes e geradas pela dominação, para que a justiça seja feita e a diversidade, celebrada. Outra maneira de definir igualdade encontra-se em Jean Jacques Rousseau, *Do contrato social*, livro 2, capítulo 10: “No que diz respeito à igualdade, não se deve entender essa palavra no sentido de que os graus de poder e riqueza deveriam ser exatamente os mesmos, mas, no que diz respeito ao poder, que ele deveria ser incapaz de qualquer violência e nunca ser exercido exceto em virtude do *status* e das leis; e, no que diz respeito à riqueza, que nenhum cidadão deveria ser tão opulento que pudesse comprar um outro, e nenhum tão pobre que estivesse obrigado a se vender.”

Em vez de empoderar os chamados públicos populares, a academia muitas vezes lhes nega as ferramentas para investigar ideologias, discursos e saberes que moldam a autoidentidade de mulh*res e determinam suas vidas. Em vez de capacitar estudantes a se tornarem pensadoras/es críticas/os, a educação em geral e a educação bíblica em particular muitas vezes contribui com sua autoalienação e sua adaptação a valores e costumes de comunidades sociais, acadêmicas e religiosas que são kyriocêntricas (isto é, centradas no senhor, amo de escravos/os, pai, na elite masculina). Por isso é de suma importância que as pessoas às margens da academia e da igreja se tornem bilíngues e aprendam como usar a linguagem acadêmica em seu próprio interesse.

Embora em livros de referência, dicionários, comentários e discussões gerais no âmbito dos estudos bíblicos, a interpretação bíblica feminista seja raramente citada ou reconhecida como um trabalho intelectual pioneiro, ela criou um grande impacto nos estudos bíblicos. Trinta anos atrás, estudos bíblicos feministas eram algo desconhecido. Muitas vezes pessoas me perguntam com quem eu estudei teologia feminista, e minha resposta é invariavelmente: quando eu estudei, na década de sessenta, uma teologia feminista e estudos feministas não existiam. Por isso, tivemos que inventá-los! Hoje, trinta anos depois, estudos feministas florescem em abundância nos campos da pesquisa.

Lembro que, no fim da década de sessenta, quando entrou em cena a chamada “Segunda Onda” de movimentos de mulh*res, devorei tudo que apareceu sobre qualquer assunto feminista ou de mulh*res. Nos anos setenta ainda consegui ler tudo que estava sendo publicado na área da teologia feminista ou de estudos feministas sobre a religião. Nos anos oitenta já não consegui mais manter-me informada e ler tudo que surgiu no campo de estudos críticos feministas, mas ainda dei conta de acompanhar a maioria das publicações em minha área de trabalho, dos estudos bíblicos. Nos anos noventa tive que fazer um grande esforço para ler apenas a literatura que surgia na área de minha especialização, Estudos do Testamento Cristão. Essa enorme proliferação do trabalho intelectual feminista em geral e de estudos bíblicos em particular é um motivo para comemorar. Elizabeth Castelli (1994) caracterizou muito bem as variadas vozes intelectuais de estudos bíblicos feministas com a metáfora da *heteroglossia*, que significa “falar em outras línguas diferentes”. Embora essa expressão seja derivada de Bakhtin, ela também alude à noção bíblica da glossolalia (falar em línguas), um dom de Espírito-Sabedoria.

Sem dúvida, nos últimos vinte e cinco anos, os estudos bíblicos feministas estabeleceram-se como uma nova área de pesquisa com suas próprias publicações. São ensinadas em escolas, institutos de ensino superior e universidades, e praticadas por muitas/os estudiosas/os em várias partes do mundo. Embora existam articulações distintas e teoricamente diferenciadas

de estudos bíblicos feministas, a maioria delas concordará sobre os três pontos seguintes, enquanto um quarto ainda está sendo discutido:

- A bíblia é escrita em linguagem androcêntrico-kyriarcal e serve a interesses patriarcais ou, melhor, kyriarcais.
- A bíblia formou-se em sociedades, culturas e religiões patriarcais/kyriarcais.
- A bíblia continua sendo proclamada e ensinada em sociedades e religiões patriarcais/kyriarcais.
- No processo interpretativo feminista crítico e graças a ele, a bíblia pode funcionar como uma visão espiritual e como recurso em lutas por emancipação e libertação.

Contudo, contar a história da área emergente de estudos bíblicos feministas como uma história de sucesso obscurece e oculta o reverso negativo dessa façanha.

Primeiro, à medida que se tornaram cada vez mais sofisticados, artigos e livros acadêmicos também se tornaram cada vez mais especializados e arcanos. Enquanto estudos acadêmicos sobre “mulheres” e “gênero” na bíblia proliferam e ocasionalmente se declaram explicitamente “feministas”, encontram-se nessas obras raramente uma referência a movimentos de mulh*res que lutam por mudanças ou qualquer conexão com as atuais lutas cotidianas de mulh*res. Os quadros acadêmicos objetivistas e valorativamente neutros não permitem incluir um objetivo de mudança e transformação. Não permitem entender o lugar social como fator integral do processo de pesquisa. No máximo permitem a voz pessoal, individualista e confessional da/o professor(a) acadêmica/o ou da/o pregador(a), mas raramente permitem uma análise crítica de como textos e interpretações bíblicas funcionam para manter estruturas de alienação e dominação.

Segundo, em sua maior parte, estudos bíblicos feministas são a história de sucesso da pesquisa acadêmica cristã euro-norte-americana branca. Embora bibliostas *womanistas** tenham entrado na cena dos estudos bíblicos na década de oitenta, ainda há muito poucas mulh*res bibliostas afro[norte]americanas. A pesquisa bíblica feminista judaica cresceu consideravelmente nos anos noventa, mas, com exceção da obra de Amina Wadud-Muhsin (1992; 1998), a pesquisa bíblica feminista muçulmana quase não existe. Ao celebrar nossa história de sucesso nos estudos bíblicos, não devemos passar por cima do fato de que, na América do Norte e no globo inteiro, ainda são raros artigos e livros escritos por estudiosas feministas latino-americanas, australianas, asiáticas, indígenas norte-americanas, maori e outras indígenas. Apenas muito poucas mulh*res das antigas colônias europeias tiveram acesso a estudos bíblicos, e muito menos ainda avançaram até o nível de professoras universitárias ou tiveram os meios de publicar suas obras. Contudo, isso não se deve em primeiro lugar ao racismo e

elitismo de estudiosas feministas brancas euro-norteamericanas, como algumas pessoas parecem pensar, mas antes ao caráter elitista da academia e ao fato de que o capitalismo global está construído sobre a exploração de mulh*res. Portanto, é por causa das estruturas kyriaricais de dominação que muito poucas mulh*res de grupos ou países desfavorecidos conseguiram o acesso a educação e estudos superiores. Além disso, não devemos esquecer que a maioria das pessoas iletradas são mulh*res.

Terceiro, nem mesmo na academia branca europeia e norteamericana, na qual encontramos um bom número de mulh*res com um alto nível de formação, estudos bíblicos feministas são amplamente reconhecidos como uma área importante de estudo. Por exemplo, quando verificamos e analisamos livros de introdução e obras de referência no âmbito da bíblia e dos estudos bíblicos, encontramos apenas muito raramente uma discussão competente sobre estudos bíblicos feministas enquanto uma área estabelecida de pesquisa. Até hoje, estudiosas feministas são diariamente excluídas dos registros históricos, e seu trabalho é relegado às margens. Isso não se deve ao autoisolamento (“autoguetoização”) de biblistas feministas, como algumas pessoas sugeriram, mas antes às estruturas kyriaricais dessa área.

Além disso, pessoas que se candidatam para programas de doutorado costumam não ser selecionadas quando manifestam seu interesse em análises segundo conceitos feministas. Estudiosas que publicaram algo na área dos estudos bíblicos feministas ou da teologia feminista ainda têm dificuldades de conseguir emprego ou reconhecimento acadêmico e/ou eclesiástico. Ainda se aconselha estudantes a não escreverem suas teses sobre assuntos feministas se quiserem progredir. Estudiosas com muitos anos de atuação são rebaixadas em vez de honradas porque realizaram um trabalho feminista taxado de “estridente”. Em resumo, as tendências marginalizadoras e silenciadoras de estruturas acadêmicas e religiosas kyriaricais que, nos séculos passados, vedaram a mulh*res o acesso à formação superior e ao estudo da teologia ainda estão ativos, embora estejam agora voltadas contra feministas e já não contra mulh*res que obedecem às “regras do jogo”.

Quarto, pior ainda é a cooptação e apropriação do trabalho feminista. Muitas obras acadêmicas e livros de divulgação geral alegam ser feministas, porque tratam de mulh*res ou do feminino na bíblia. Muitas vezes falta uma reflexão crítica sobre a maneira como tais obras sobre “mulh*res” ou sobre o “feminino” reinscrevem e reforçam estruturas kyriaricais de dominação. A meu ver, um dos motivos é que os orientadores de doutorandas/os (os *Doktorväter*, “pais de doutores”, conforme o termo técnico alemão!) dizem a brilhantes mulh*res jovens que primeiro têm que criticar o trabalho realizado pelas feministas da primeira geração, e que depois devem recorrer ao trabalho de algum teórico masculino de destaque para articular sua própria pesquisa feminista mais sofisticada. À luz de tal cooptação não

é nenhum milagre que o trabalho feminista esteja correndo o risco de se tornar cada vez mais determinado pela academia e pelas perguntas e pelos métodos por ela permitidos.

Por exemplo, alguns anos atrás, no Encontro Anual da *Society of Biblical Literature*, a sociedade bíblica mais antiga da América do Norte, presidi uma mesa redonda sobre como escrever uma tese feminista de doutoramento. Quatro mulh*res jovens excelentes explicitaram seu trabalhos. A estudiosa mais velha que reagiu às apresentações, embora afirmasse o excelente nível de suas contribuições, não podia deixar de observar que nenhum dos projetos de doutorado apresentados era verdadeiramente feminista, numa maneira explícita e criticamente reflexiva.

Resumindo: a área emergente dos estudos bíblicos feministas não só carece da participação de estudiosas feministas de lugares sociais diferenciados, como também corre o risco de ser ainda mais marginalizada em favor de estudos bíblicos de gênero que se encaixam melhor no etos funcionalista da academia objetivista, proclamado como valorativamente neutro. Além disso, por falar em muitas línguas diferentes e vozes que se confundem, a interpretação bíblica feminista produz às vezes uma cacofonia de vozes em vez de um argumento consistente em apoio de lutas pela libertação. Em vez de conceitualizar estudos bíblicos feministas enquanto uma área acadêmica ou uma disciplina teológica que serve a instituições eclesiais ou acadêmicas, sugeri que deveríamos cultivar a pesquisa bíblica feminista como algo que se move no poder da Sabedoria, para servir às lutas de mulh*res por sobrevivência e bem-estar.

Criando o círculo para dançar

Por isso é necessário tirar a leitura bíblica do âmbito espiritual individualista da/o leitor(a) privada/o solitária/o e constituir um fórum, ou seja, um espaço público no qual a *ekklesia*, a assembleia radicalmente democrática, pode debater e decidir os significados públicos das Escrituras. Enquanto a interpretação bíblica cristã é frequentemente individualista e solitária, a tradicional interpretação judaica, assim como feministas a praticam, fornece um modelo radicalmente democrático para aprender como caminhar nos caminhos da Sabedoria. Segundo a tradicional compreensão rabínica, o estudo e a interpretação da Escritura levam à redenção do mundo porque levam para dentro dele a presença de D**s. Por isso, pesquisar e interpretar as Escrituras são atividades sagradas.

Geralmente consideramos o ato de ler e interpretar como um ato de recepção passiva e de autocontemplação individualista e não como uma maneira de comunicação e de identificação comunal. Para os rabinos, porém, a leitura era, segundo Barry Holtz,

uma apaixonada e ativa luta corpo-a-corpo com a palavra viva de Deus. Implicava o desafio de descobrir significados secretos, explicações jamais imaginadas, assuntos de grande peso e importância. A leitura ativa, ou melhor, interativa, foi seu método de aproximar-se do texto sagrado chamado Torá e de encontrar, por meio do processo de leitura, algo que era ao mesmo tempo novo e muito antigo. (Holtz, 16)

O estudo judaico tradicional da Torá, chamado *havrutá*, exige um contexto social. O Talmud ordena: “Formai grupos para estudar a Torá, pois o conhecimento da Torá pode ser adquirido somente em associação com outros (*Berekot* 63b)” (Hyman, xxv-xxxix). Fazendo-se um eco dessa tradição, Jesus – no Evangelho de Mateus identificado com a Sabedoria-Sofia – promete: “Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, estou no meio deles” (Mt 18,29). A leitura da Torá/bíblia não é, como na tradição moderna, algo individualista e privado. Ao contrário, segundo essa tradição Sapiencial, a Torá, em escritos judaicos sapienciais personificada e identificada como a Divina Sabedoria, fala a pessoas reunidas em grupos que, juntas, “não param de ruminar o texto”, para não só descobrir sentidos sempre novos do texto em seus próprios contextos históricos, mas também para aprender o que significa realizar o “bem-viver” e caminhar nos caminhos da Sabedoria. Os significados bíblicos precisam ser constantemente reconsiderados, questionados, debatidos, decididos e reformulados.

No horizonte dessa prática de interpretação enquanto prática de sabedoria/Sabedoria, imagino que você trabalha com esse livro num grupo ou fórum que constitui um espaço público radicalmente democrático e feminista de debate crítico, imaginação criativa e conversa substanciosa. Discussões críticas em grupos deveriam ter dois focos: o lugar social e os interesses de vocês, e os textos bíblicos e seus possíveis significados. O objetivo de tais debates e estudos não é apurar o único verdadeiro significado do texto enquanto um fato “dado”, mas de problematizar tanto os textos como as perspectivas de interpretação, para estabelecer em que medida textos e interpretações promovem valores e mentalidades estabelecidas de dominação, ou mentalidades e visões de libertação.

Ruth Cohn, uma judia que imigrou para os EUA fugindo do nacional-socialismo, desenvolveu uma “pedagogia para todos/as” política chamada de *Theme-Centered Interaction* (TCI, Interação Centrada no Tema – ICT) que conseguiu mobilizar pessoas contra o nazismo e outros regimes opressores. Ela desejava

encorajar pessoas que não querem tolerar tais sofrimentos a “não se resignar” e a não se sentir impotentes, mas a usar sua imaginação e seu potencial de ação, para declarar e praticar sua solidariedade enquanto ainda sentimos poderes autônomos dentro de nós. (citado segundo Röckemann, 10)

ICT não é um “método neutro”, mas procura corporificar visões políticas e o objetivo radicalmente democrático de um mundo mais justo. Consiste em quatro elementos que constituem o processo de grupo e que possuem todas a mesma importância:

- A pessoa (o Eu) que se volta para si mesma, para as outras pessoas e para o tema. O primeiro requisito: “Seja sua/seu própria/o moderador(a)” (*chairperson*) confere ao grupo um conceito radicalmente democrático e encoraja autoestima, iniciativa e autonomia.
- Os membros do grupo (o Nós) que formam um grupo mediante sua concentração no tema e sua interação mútua, algo que abre a porta para uma participação e um envolvimento genuínos.
- O tema ou a tarefa (o *It*) que o grupo assumiu. ICT valoriza cada contribuição individual com a tarefa e facilita a comunicação dessa contribuição. Por exemplo, perguntar por que alguém faz uma certa pergunta evita debates artificiais.
- O contexto (o Globo), no sentido tanto estreito como amplo, enquanto aquilo que influencia o grupo e que é influenciado por ele. “Globo” pode significar as circunstâncias concretas, p.ex., o ambiente da sala ou o cosmo político-cultural e natural que inclui memórias históricas que internalizamos como “heranças”. O princípio de “perturbações e envolvimento apaixonado” tem prioridade. O “princípio da *perturbação*” possibilita o método da crítica ao *kyriarcado*, enquanto a técnica da *amplificação* não só enriquece o triângulo da interação (a pessoa, o grupo, o tema) com experiências pessoais e dados biográficos, como também mostra o impacto que estruturas sociopolíticas e mundos cultural-religiosos têm sobre ele. Por isso, feministas alemãs que combinam os métodos de ICT e de bibliodrama, ou seja, da interpretação bibliodramática de textos bíblicos, enfatizam especialmente esse quarto elemento, o “Globo”.

Integrei em minhas aulas o trabalho de grupo. Grupos autônomos preparam e apresentam projetos que adotam alguma perspectiva feminista escolhida (p.ex., *queer*, *mujerista*, *womanista*, asiático-feminista) ou um ponto de crítica (p.ex., violência contra mulh*res, o comércio internacional de sexo, a política católico-romana de ordenação) como “óculos” para interpretar um texto bíblico particular. Esses grupos conseguem não só um conhecimento sólido do texto e de métodos-padrão de interpretação, como também habilidades de liderança alternativa, a prática de “escutar-se mutuamente” e desenvolvem capacidades hermenêuticas criativas de ensino e de comunicação.

Se você não consegue formar algum fórum grupal radicalmente democrático dessa espécie, recomendo que você se junte com um(a) colega de estudo que tenha um nível semelhante de conhecimento, que vocês

marquem um tempo fixo para o estudo, escolham um texto e identifiquem uma perspectiva teórica feminista a partir da qual vocês olham para o texto. É importante que cada um(a) de vocês tenha um exemplar do texto. Revezem-se lendo-o em voz alta, discutam sobre o que chamou sua atenção ou sobre as perguntas que têm, consultem comentários e façam ligações com lutas emancipatórias. E lembrem, não existem respostas corretas ou erradas, verdadeiras ou falsas, apenas existem perguntas corretas. Com Naomi Hyman, convido vocês a apreciar o seguinte comentário antigo:

“Adquire-te um amigo.” Como assim? Isso ensina que uma pessoa deveria adquirir um amigo para comer com ele, beber com ele, ler a Torá com ele, estudar a Mishná com ele, dormir com ele, e a quem serão contados todos os segredos – segredos da Torá e segredos das coisas cotidianas (Abbot de Rabi Natan, 8). (Hyman, xxv)

Quando você faz parte de uma classe ou de um grupo que é muito grande, o grupo todo pode se encontrar e depois dividir-se em duplas. Após algum tempo, vocês voltam para o grupo grande, partilham suas descobertas e interpretações e discutem suas implicações para lutas por justiça e bem-estar.

Essa maneira de estudo feminista como “conscientização” crítica é semelhante, mas também diferente do método usado por grupos que procuram despertar a consciência de mulh*res. Neles, a mulh*r individual e suas experiências estão no centro das atenções. Para não minar sua autoconfiança, não se permite perguntas críticas que questionem suas experiências. Esses grupos de despertar da consciência de mulh*res têm como objetivos a afirmação e a solidariedade, mas não a crítica e a discussão. Em comparação, grupos latinoamericanos de conscientização não tematizam somente a afirmação individual, mas muito mais a análise crítica de opressões sistêmicas e a descoberta de caminhos para a libertação.

Um fórum radicalmente democrático também é semelhante e ao mesmo tempo diferente de grupos de estudos bíblicos tradicionais, cujo objetivo é frequentemente a inculcação e aceitação de textos e tradições bíblicas. À medida que partem da suposição de que a bíblia é a palavra revelada de D**s, começam com uma hermenêutica de empatia e obediência, em vez de uma hermenêutica da suspeita e do debate crítico. Esses grupos possuem também certa semelhança e também diferença com grupos de estudos acadêmicos centrados em textos bíblicos e que usam perguntas de discussão para “testar” se métodos e resultados da interpretação científica da corrente dominante masculina foram interiorizados. Além disso, como tributo à objetividade, tais grupos de estudo frequentemente cortam qualquer reflexão crítica sobre a experiência e o lugar social de quem interpreta a bíblia, e também sobre o significado e impacto contemporâneo de textos bíblicos.

Por isso, antes de você continuar lendo este livro, sua primeira tarefa é

iniciar uma parceria de estudo ou um fórum grupal para o debate crítico e a amizade mútua. Se você já estiver trabalhando num grupo desse tipo, vocês poderiam discutir sobre a pergunta se o grupo de vocês constitui uma tal *ekklesia* (assembleia/congresso) de debate crítico e visão criativa. Se você estiver em aulas que não exigem trabalho de grupo, junte-se com colegas e forme um grupo de estudo. Se você for um(a) professor(a), tente juntar um grupo de colegas interessadas/os não simplesmente em questões de especialização bíblica, mas na análise teórica crítica dos assuntos que estão em jogo na interpretação bíblica entendida como conscientização.

Se você estiver forçada/o a permanecer um(a) leitor(a) individual, você poderia chamar amigas/os ou vizinhas/os para formar uma parceria de estudo. Ou poderia entrar na *internet* e criar um fórum radicalmente democrático ao iniciar uma equipe ou um grupo de discussão “virtual” de estudos feministas. Se você não puder fazer nada disso, precisará constituir um fórum virtual em sua própria imaginação e desenvolver uma discussão constante e conversa incessante entre as diferentes vozes e perspectivas que povoam sua mente. É preciso substituir o pensamento unidimensional por uma forma de pensar radicalmente democrática que cultiva perspectivas diferentes e a imaginação criativa.

Essencial para a constituição de um fórum grupal feminista radicalmente democrático é a presença de autênticas diferenças de lugar social, credo religioso, visão política e convicção feminista. Embora uma articulação crítica de diferenças torne o trabalho em grupos frequentemente difícil e cheio de tensões, ela deve ser valorizada como algo positivo e essencial para práticas feministas radicalmente democráticas que visam articular um saber emancipatório. Atitudes radicalmente democráticas precisam também questionar o modo dominante de raciocinar e de produzir conhecimento conforme o paradigma da corrente dominante masculino eurocêntrico de conhecimento, que separa a razão dos sentimentos e das emoções com o objetivo de produzir um conhecimento imparcial desinteressado. Precisam insistir em um processo de conscientização que nos capacita a caminhar/dançar nos caminhos da Sabedoria.

Em seu livro *Feminism is for Everybody* (*Feminismo é para todas as pessoas*; literalmente “*cada corpo*”), a crítica cultural feminista bell hooks chamou para um reavivamento das práticas revolucionárias do despertar da consciência que aconteceram na década de setenta. O despertar revolucionário da consciência baseia-se na convicção de que precisamos mudar nós mesmas/os quando queremos mudar estruturas opressoras como racismo, homofobia, sexismo, preconceitos de classe ou hegemonia colonial.

*É importante lembrar que o fundamento desse trabalho começou com mulh*res que examinaram o pensamento sexista e criaram estratégias pelas quais podíamos mudar nossas atitudes e nossas convicções e crenças, por meio de uma conversão para o pensamento feminista e uma conversão para*

*a política feminista. O grupo de despertamento da consciência era fundamentalmente um espaço de conversão. Para poder construir um movimento feminista baseado nas massas, mulh*res precisavam se organizar. O grupo de despertamento da consciência [...] era o lugar onde pensadoras e militantes feministas experimentadas podiam recrutar novas convertidas.* (hooks, 8)

hooks ressalta que o movimento feminista foi mal interpretado como “antimasculino” porque não criou tais grupos de despertamento da consciência para meninos e homens que também precisavam examinar seu (heteros)sexismo internalizado. Afirma também que, nos anos oitenta, o despertamento revolucionário da consciência foi substituído pelo “reformismo liberal” e pelo “feminismo baseado no estilo de vida que alegava que cada mulh*r podia ser uma feminista, independentemente de suas convicções políticas” (hooks, 11). O “sucesso” de estudos acadêmicos de gênero ou sobre mulheres contribuiu pra o declínio do despertamento revolucionário da consciência, “à medida que a sala de aula substituiu o grupo de despertamento de consciência enquanto lugar principal para a transmissão do pensamento feminista e de estratégias em prol da mudança social” e “o movimento perdeu seu potencial baseada na massa” (hooks, 10).

Assim como bell hooks, também eu imagino revitalizar o despertamento revolucionário da consciência por meio da criação de grupos feministas de sabedoria/Sabedoria que se encontram para se comprometerem com a interpretação bíblica enquanto prática espiritual de conscientização, conversão e compromisso com a caminhada nos caminhos Sapienciais da justiça.

Diferente de muitas introduções a estudos bíblicos, este livro não quer simplesmente responder a pergunta de “como exegétizar” ou “como ler” a bíblia. Em vez disso, dedica-se à pergunta de como *interpretar* a bíblia desde uma perspectiva feminista e de uma maneira emancipatória. Depois desta introdução, abordo no primeiro capítulo um espaço de sabedoria/Sabedoria discursivo feminista de aprendizagem, e no segundo capítulo procuro tornar conscientes as várias maneiras pelas quais um compromisso com o texto pode ser bloqueado. O terceiro capítulo defende que a pesquisa bíblica feminista está enraizada em movimentos sociais pela mudança e que precisa continuar prestar contas a eles. O quarto capítulo oferece uma análise social feminista para identificar os lugares sociais de intérpretes da bíblia e de textos bíblicos. O quinto capítulo elabora as diferentes metodologias ou “passos da dança” que foram desenvolvidos nos estudos bíblicos feministas, e o último capítulo resume minhas sondagens, olhando para os “movimentos” ou estratégias hermenêuticas que são indispensáveis na dança circular da sabedoria/Sabedoria que se torna uma espiral ao passo das distintas voltas da pesquisa feminista crítica em prol da libertação.

No fim de cada capítulo acrescentei três exercícios de “dança”. Primeiro, para aquelas pessoas que gostariam de aprofundar sua compreensão da interpretação bíblica comprometida com a libertação sugeri, como leitura

de aprofundamento, um capítulo de um de meus livros que discute um texto bíblico e as diferentes maneiras da interpretação textual. Segundo, propus perguntas de “passos para frente” que convidam você a debater e praticar as ideias e propostas apresentadas em cada capítulo. Essas perguntas não têm uma única resposta “certa” ou uma solução definitiva e também desafiam você a continuar a mover-se nos Caminhos da Sabedoria. Finalmente acrescentei algumas folhas de trabalho que não pretendem “testar” seu conhecimento, mas impelir você a praticar passos e movimentos da dança espiral hermenêutica. Elas oferecem sugestões para ampliar a discussão e também uma ajuda para clarear e estudar melhor assuntos complexos. Coordenadoras/es de grupos e professoras/es podem utilizá-las para aprofundar as argumentações apresentadas em cada capítulo.

Sendo que desejo oferecer um jogo de ferramentas hermenêuticas e não prescrições metodológicas nem argumentos progressivos, não é necessário – e nem mesmo aconselhável – ler os capítulos em sua sequência e de modo linear. Por exemplo, você poderia consultar seções do capítulo quatro sempre que precisar de uma explicação de algum conceito-chave ou de categorias. Já que cada capítulo é uma unidade em si, você pode ler capítulos posteriores primeiro e capítulos anteriores, depois. Em vez de empenhar-se numa leitura linear, você poderia estudar o livro de maneira espiral, já que todos os capítulos giram, cada um à sua maneira, em torno da prática da interpretação crítica emancipatória feminista e olham para ela a partir de ângulos diferentes. O objetivo deste livro não é simplesmente fornecer informação, mas contribuir com a conscientização.

A metáfora da dança circular parece-me a melhor metáfora para expressar os movimentos, passos e voltas da Sabedoria que opera nesse tipo de processo feminista de despertar a consciência. Dançar envolve o corpo e o espírito, envolve sentimentos e emoções, leva-nos além dos nossos limites e cria comunhão. Dançar confunde todas as ordens hierárquicas porque se move em espirais e círculos e nos faz sentir-nos vivos/os e cheias/os de energia, poder e criatividade. Essa metáfora de movimento e dança sugere que o feminismo não é uma essência que pode ser definida, mas que a melhor maneira de dar-lhe corpo é um movimento por mudança e transformação.

Apresento neste livro minha convicção de que o melhor ambiente para a interpretação bíblica feminista é o espaço radicalmente democrático da Divina Sabedoria, aberto para os ventos da mudança, as chuvas que limpam e o sol que aquece. Reimaginar a interpretação bíblica como uma dança circular em espiral e como movimento do Espírito no espaço aberto da Divina Sabedoria nos convida a nos juntar ao movimento de Espírito-Sabedoria. Como formulou Linda Ellison, depois de ler o manuscrito deste livro:

“Dançar na Casa da Sabedoria” ou “Valsar nos Caminhos da Sabedoria” [significa] dar passos e rodopiar, criando uma dança interpretativa comunitária e rompendo com o ritmo da rigidez de passos de dança culturalmen-

te prescritos. Imagino um grupo diversificado de mulh*res, dançando em círculo entre as colunas de uma casa aberta e de ar livre – o círculo de sua dança está aberto, pronto para receber dentro de si a/o leitor(a). Essa dança vai edificar a mente, o corpo e o espírito da/o leitor(a).⁵

Você não gostaria de se juntar a essa dança – que rodopia, avança, espirala – da interpretação bíblica feminista no espaço radicalmente democrático “imaginado” e praticado da Divina Sabedoria?

Movimento de aprofundamento

Elisabeth Schüssler Fiorenza. *Sharing Her Word: Feminist Biblical Interpretation in Context*. Boston: Beacon Press, 1998, 105-136.

Passos adiante

- Como você chegou a escolher este livro? *Caminhos da Sabedoria* pode encontrar muitos públicos. Reflita sobre suas próprias razões de escolhê-lo e lê-lo. Como você se sentiu depois de ler a introdução e de descobrir de que este livro trata? Está animada/o a continuar a leitura? Por quê?
- Neste momento, ao começar a ler este livro, reflita sobre por que você se considera ou não se considera um(a) feminista. Trace uma linha de tempo de sua vida e do desenvolvimento de sua consciência espiritual. Quais os acontecimentos mais importantes ao longo dessa viagem? Como a interpretação da corrente dominante masculina afeta a maneira pela qual você enxergou a si mesma/o, aos olhos de D**s? O que lhe motiva a entender a bíblia desde uma perspectiva feminista?⁶
- Qual a sua experiência com a bíblia? Você lê a bíblia? Você se sente entusiasmada/o, confortada/o, desafiada/o ou irritada/o por ela? Qual a relação entre bíblia e política? Partilhe uma experiência positiva e uma negativa com a bíblia e sua autoridade.
- Naomi Hyman afirma: “Escrevemos porque, ao escrever, encontramos lugares para nós, nos espaços brancos entre as letras pretas” (Hyman, xxviii). Você já experimentou momentos nos quais sentiu que um texto, uma experiência, um diálogo excluiu você? Como conseguiu se inserir? Como fez sua voz ser ouvida? Você pode imaginar usar as mesmas ferramentas para interpretar textos bíblicos enquanto mulh*r?⁷

5 ELLISON, Linda. *Paper* elaborado durante o curso *Gospel Stories of Wo/men*, segundo semestre de 2000.

6 Agradeço essa pergunta a Elizabeth M. Zachry, do curso *Gospel Stories of Wo/men*, segundo semestre de 2000.

7 Agradeço essa pergunta a Yolanda Lehman, do curso *Gospel Stories of Wo/men*, segundo semestre de 2000.

- Você planeja formar um grupo de estudo ou encontrar um(a) parceira(o) de estudo? Quais as dificuldades de fazer isso? Quais são suas objeções emocionais em relação ao trabalho de grupo? Qual é sua experiência de trabalhar em grupos?

Exercício de movimento

Use a Folha de Trabalho 1 para preparar uma explicação sobre as características da interpretação bíblica feminista. Use exemplos de sua própria experiência.

Folha de Trabalho 1

Mapeando estudos bíblicos feministas

I. A bíblia

- O que você sabe / sente a respeito da bíblia?
- O que gostaria de saber?

II. Estudos bíblicos

- O que você sabe / sente a respeito de estudos bíblicos?
- O que gostaria de saber?

III. Feminismo

- O que você sabe / sente a respeito de feminismo / estudos de gênero / estudos sobre mulheres?
- O que gostaria de saber?

IV. Estudos bíblicos feministas

- O que você sabe / sente a respeito de estudos bíblicos feministas?
- O que gostaria de saber?

Capítulo I

Mapeando o Terreno da Sabedoria

Quando Lucy Tatman começou suas pesquisas em preparação de seu artigo sobre “Sabedoria” para o projeto de um dicionário feminista, encontrou um silêncio quase total sobre o assunto. Enquanto existe uma abundância de reflexões espirituais e celebração litúrgica sobre a Sabedoria, Tatman não conseguiu encontrar uma abordagem teológica substancial sobre o tópico. E, ainda mais angustiante, não encontrou as palavras que queria dizer. Ao ler Katie G. Cannon (Cannon 1988; 1995), ela se deu conta de que poderia escrever uma definição teológica de Sabedoria apenas se ouvisse a história da Sabedoria como ela é contada por mulh*res, e apenas depois disso. Somente assim ela podia começar a falar e escrever a história da Sabedoria, a qual ela concluiu com o seguinte parágrafo:

Havia uma vez Sabedoria. A Sabedoria já existia, e ela estava onipresente, com toda a intensidade e todo o desejo de tudo que existia. E, uma vez que a Palavra fosse dita, a Sabedoria, e somente ela, mergulhou nos espaços entre as palavras, abençoando o silêncio do qual nascem novas palavras. Agora, como era no princípio, a Sabedoria está escutando toda a criação para que possa falar. Somente ela sabe algo de suas possibilidades. (Tatman, 238)

Nas últimas duas décadas, feministas redescobriram e recriaram as tradições submersas da Divina Sabedoria em todo seu esplendor e todas suas possibilidades. Teólogas feministas descobriam, de modo qualitativamente novo, a criatividade de sabedoria/Sabedoria e procuraram a presença Dela nos espaços “no meio”, os espaços vazios entre as palavras da bíblia. Procuraram “escutar a Sabedoria para que possa falar”, na expressão cunhada por Nelle Morton, uma das primeiras teólogas e professoras feministas da sabedoria/Sabedoria que reconheceu que “a Sabedoria é feminista e insinua uma existência anterior à Palavra” (Morton, 175).

Explicação de termos (Glossário)

Laura Beth Bugg

[Entre colchetes: observações da tradutora]

Androcentrismo: literalmente “centração no homem” (da palavra grega *aner*, homem, varão, macho, masculino). Um sistema linguístico e cultural que entende macho/masculino/homem/varão como a norma e mulh*res como secundárias, periféricas e “desvio” do padrão.

Androginia: termo sintético e ideia social, formado a partir das palavras gregas *aner* (homem, varão) e *gyne* (mulher) que combina qualidades tradicionalmente masculinas e femininas, mas ainda assim privilegia o masculino.

Antijudaísmo: preconceito, hostilidade ou difamação em relação a pessoas judias e ao judaísmo, que pode se expressar em estereótipos negativos, perseguição ou vilipêndiação e que tem por fim elevar um outro grupo ou tradição (p.ex., o cristianismo).

Apocalipse / apocalípticismo: escritos antigos como, p.ex., o Apocalipse de João, que comunicam visões e revelações sobre o futuro ou os âmbitos celestiais, recebidas por um profeta ou visionário, às vezes em forma de sonhos. O apocalípticismo é tanto uma corrente teológica como um movimento social.

Apocalipse de João: último livro da bíblia cristã.

Apócrifos: livros que não foram aceitos no cânon judaico ou cristão.

Arqueologia: o estudo científico de antigas culturas com base em seus vestígios materiais, p.ex. monumentos, artefatos, construções, cerâmica e restos fósseis.

Arquivo: coleção de documentos e materiais históricos; e no sentido do filósofo francês Michel Foucault também as condições e regras segundo as quais é possível conhecer algo num ponto específico do tempo.

Athena: deusa grega da sabedoria e da guerra; diz-se que ela nasceu da cabeça de seu pai Zeus, o deus supremo.

Cânon: da palavra grega emprestada do semítico *kanon*, cano de junco ou medida. No sentido geral, um cânon é um critério, lei ou regra, e no sentido mais específico uma lista, especialmente de escritos sagrados considerados normativos.

Capitalismo: sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e caracterizado por grandes diferenças entre países ricos e pobres, “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”.

Ciência Positivista: teoria filosófica e discurso acadêmico que afirma que a verdade é conhecida através da observação de fenômenos naturais e que as ferramentas da ciência podem representar a realidade verdadeira. O positivismo histórico entende a história como reflexo exato e retrato da realidade, e afirma que a ciência pode descobrir a verdade universal.

Classe: no sentido mais genérico, um grupo de pessoas que compartilham um mesmo lugar numa economia capitalista e um *status* sociopolítico e cultural comum numa sociedade.

Códigos domésticos: termo que designa textos que inculcam a submissão de grupos subordinados (p.ex., Cl 3,18-4,1; Ef 5,22-6,9; 1Pd 2,18-3,7; 1Tm 2,11-15; 5,3-8; 6,1-2; Tt 2,2-10). Códigos (ou tábuas) domésticos encontram-se em escritos filosóficos judaicos e grecorromanos, no Testamento Cristão e em outros escritos do cristianismo antigo. Elaboram relações de dominação entre esposa e marido, escrava/o e ama/o, criança e pai, comunidade e Império, nas quais os grupos mais fracos (esposas, escravas/os, filhas/os e comunidade cristã) se encontram subjugado e devem obedecer aos grupos mais fortes que coincidem muitas vezes no mesmo grupo ou pessoa (senhor, pai, marido, amo de escravas/os, autoridades imperiais).

Colonialismo: o exercício de poder imperialista, pelo qual uma nação obtém controle sobre uma outra e cria uma relação de dependência (a parte mais fraca depende da mais forte) e exploração, na qual os recursos da nação subordinada são usados para enriquecer a dominante. As relações desiguais são mantidas por meio do controle econômico, político, social, cultural e religioso.

Conscientização / despertar a consciência: processo no qual uma pessoa ou um grupo nomeia e entende as estruturas de opressão interiorizadas e começa a se libertar delas.

Corrente dominante masculina [*malestream*]: termo que assinala o fato de que a história, tradição, teologia, igreja, cultura e sociedade foram definidas por homens e excluíram mulh*res. Quadros referenciais de pesquisa e trabalho acadêmicos, textos, tradições, línguas/linguagens, padrões, paradigmas de conhecimento e muitos outros têm sido e continuam sendo centrados nos homens e dominados pelos homens da elite.

Crítica feminista materialista: teoria e método que enfoca as condições materiais da construção de sexualidade e gênero em textos e discursos culturais. Amplia a análise marxista das condições materiais da opressão para incluir heterossexualidade, gênero, raça e outras divisões sociais.

Crítica histórica (método histórico-crítico): o estudo de fontes históricas para

determinar de que forma eventos na história podem ter ocorrido e como é transmitido o conhecimento acerca deles. Na tentativa de responder perguntas sobre a historicidade empregam-se muitas ferramentas e métodos, entre eles a crítica das fontes, das formas, da redação e a crítica sócio-histórica, bem como a avaliação de achados materiais (arqueologia).

Crítica literária: conjunto de metodologias que aborda textos como documentos literários. Estão entre elas a “Nova Crítica” que enfoca a língua/ linguagem e as estruturas internas de uma obra literária em vez do contexto e dos elementos históricos do texto, e a “Crítica Narrativa” que analisa como uma história é narrada e dedica atenção a seu enredo e à análise dos personagens.

Ds [G*d]:** a maneira como Elisabeth Schüssler Fiorenza escreve “*God*” [e a forma adaptada para o português aprovada por ela] e que reconhece a insuficiência e inaptidão da língua humana de nomear o Divino adequadamente. Procura também indicar que, em última instância, D**s é inominável e inefável.

Democracia radical (sistema radicalmente democrático): como contrassistema sociopolítico esboçado ao kyriarcado (cf. verbete abaixo), a democracia radical, isto é, desde as “raízes da grama” [inglês: *grassroots*, expressão para aquilo que vem da base], significa cidadania igual e poderes de decisão iguais, a igualdade econômica, cultural, política e religiosa radical, ou seja, total, e o bem-estar para todas as pessoas. Sua visão são relações e instituições verdadeiramente participatórias e igualitárias.

Desconstrução: teoria crítica e constelação de métodos que questionam suposições acerca da identidade e verdade e das normas recebidas. Isso acontece principalmente pela identificação de opostos binários ou dualismos e pela comprovação de como o primeiro termo, o positivo, determina o segundo negativamente para afirmar sua própria qualidade positiva.

Diatessaron: tentativa de cristã(o)s antigas/os de encaixar ou compilar os quatro Evangelhos hoje considerados canônicos dentro de um documento unitário.

Discurso / discursivo: em geral o processo de comunicação e intercâmbio verbal, e a troca verbal de ideias. Nos escritos do filósofo francês Michel Foucault, discurso refere-se não à língua no sentido de um sistema linguístico ou gramático, mas a um corpo bem definido de saber social. Tais sistemas culturais, por exemplo, disciplinas acadêmicas como a medicina ou os estudos bíblicos, são constituídos através de vários discursos aos quais nem todas as pessoas têm acesso igual.

Ecofeminismo: o feminismo ecológico – uma variante de posições feministas – estabelece uma conexão entre a dominação sobre a natureza e a dominação sobre mulh*res e procura encontrar caminhos e visões para eliminar a exploração tanto da natureza como das mulh*res.

Ekklesia: a assembleia radicalmente democrática de cidadãos livres que se reúnem a fim de realizar debates críticos e de determinar seu próprio bem-estar comunal, político e espiritual. Quando ocorre no Testamento Cristão (Novo Testamento, Segundo Testamento), a palavra é traduzida por “igreja”.

Ekklesia das mulh*res: já que, ao longo da história, a cidadania e democracia plenas eram restritas a homens da elite, é preciso qualificar *ekklesia* pelo atributo *das mulh*res* para superar a determinação kyriarcal.

Emancipação / emancipatório: libertação ou livramento de dependência, subjugação, escravidão, controle ou qualquer outra forma de opressão. Na interpretação bíblica, o paradigma hermenêutico emancipatório é usado em prol da conscientização.

Epistemologia: da palavra grega *epistéme*, conhecimento, saber. Refere-se ao estudo das maneiras pelas quais o conhecimento é articulado e viabilizado. Estabelece padrões para avaliar o que sabemos e por que cremos o que cremos. O “privilegio epistemológico” é o conceito de que a experiência de lutas contra a opressão (p.ex., de mulh*res pobres) fornece um conhecimento e saber diferente e pede padrões diferentes de conhecimento.

Essencialismo: o conceito de que pessoas individuais e grupos possuem características imutáveis inerentes e que se podem fazer afirmações universais sobre qualquer grupo (p.ex., mulh*res) ou indivíduo a respeito de tais características. O essencialismo não compreende a diferença entre mulh*res nem reconhece que essências são constituídas por estruturas de dominação.

Estruturalismo: a afirmação feita principalmente por teóricos sociais franceses como Claude Lévi-Strauss de que por debaixo de cada evento/texto estaria um padrão ou estrutura dualista que pode ser descoberto e conhecido através da análise.

Evangelhos Sinóticos e questão sinótica: da palavra grega *synoptikos*, visto junto. O termo refere-se aos primeiros três Evangelhos canônicos, Mateus, Marcos e Lucas, e à maneira pela qual mostram semelhanças e diferenças ao narrar a vida, morte e ressurreição de Jesus. A questão sinótica diz respeito ao entendimento da relação entre estes Evangelhos por meio da comparação. A assim chamada teoria das duas fontes é a solução geralmente aceita que afirma que tanto Mateus como Lucas usaram Marcos e uma fonte [alemão: *Quelle*] hipotética, Q, que pode ser reconstruída a partir das concordâncias entre Mateus e Lucas.

Exegese: método de análise textual crítica ou explicação filológica e histórica de um texto, particularmente a pesquisa e explicação de um texto versículo por versículo.

Feminilidade / feminino: conjunto de qualidades, regras e ideais que reina sobre a conduta e aparência feminina e que é interiorizado na e pela educação, reforçado pela moda e cosmética e que se crê inato, ainda

que todos esses elementos sejam construídos de modo social, cultural, político e religioso.

Feminismo: movimento e teoria em prol de igualdade, direitos e dignidade econômicas, sociais, políticas e religiosas de todas as mulh*res. Seu foco é a luta de mulh*res contra a dominação, exploração, opressão e desumanização.

Gênero: sistema de classificação gramatical, bem como um conjunto de qualidades e atributos culturalmente moldados que determinam a diferença entre masculino e feminino. Sexo e gênero são distintos, mas ambos são socialmente construídos.

Ginocentrismo / ginaikocentrismo: termo cunhado como oposto de androcentrismo. Trata-se de uma perspectiva teórica que estabelece mulheres / seres femininos (grego: *gyne*) como paradigma e afirma que as mulheres, enquanto seres essencialmente superiores aos homens, deveriam ser dominantes na ordem social.

Gnose / gnosticismo: da palavra grega *gnosis*, conhecimento. O gnosticismo é um termo complexo e provavelmente inadequado para um movimento religioso ricamente variado e sua literatura. Central ao seu sistema conceitual é, entre outros aspectos, a afirmação de conhecimentos secretos, esotéricos, e a fé na natureza dualista do cosmos (luz *versus* trevas, bem *versus* mal, mente *versus* corpo etc.) e do Divino.

Harmonia dos Evangelhos: síntese dos quatro Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas, João) dentro de um texto unificado (por exemplo, o *Diatessaron*). Esse processo procura eliminar ou reconciliar diferenças textuais ao criar um documento único e autoritativo.

Hegemonia: forma de organização social que difunde poder através do sistema social de tal modo que os distintos grupos se policiam mutuamente e reprimem a resistência e dissidência uns dos outros, o que resulta em sua despolitização. A hegemonia é uma rede de relações, funções e experiências que permitem a um poder dominante da elite preservar sua posição de autoridade.

Hermenêutica: do verbo grego *hermeneuein*, interpretar, submeter à exegese, explicar, traduzir. Hermenêutica refere-se tanto à teoria como à prática da interpretação.

Heterossexismo: a suposição de que a heterossexualidade compulsória é o único modo normal da conduta sexual e que a única conduta normal para uma mulh*r é o casamento e a orientação sexual para o homem. Tanto em termos de instituição como de ideologia, a heterossexualidade é um elemento essencial na preservação das estruturas de dominação.

Historiografia: o ato de escrever história que envolve três fases – pesquisa de documentos, explicação, redação – na composição da narrativa histórica. Por envolver a seleção, ponderação, interpretação e valoração de

documentos, é um refazer e renarrar da realidade, mas não um transcrito daquilo que “aconteceu realmente”.

Iluminismo: movimento intelectual e social ocidental do séc. 18 que acreditava que a humanidade estivesse emergindo da “idade de trevas” da superstição e ignorância para uma nova era de racionalidade científica, razão e justiça social. Enfatiza o uso da razão no exame de ideias e instituições anteriormente aceitas.

Império Romano: o período do domínio romano que se seguiu à República, datado desde o tempo do primeiro imperador, Augusto, em 27 aEC (antes da Era Comum), até Rômulo Augústulo, o último imperador ocidental, destronado pelos visigodos em 476 EC (Era Comum). No seu auge, o Império Romano estendeu-se desde o Golfo Pérsico no leste até a Alemanha e Britânia no oeste e incluía também o norte da África.

Inspiração / Inspiração verbal: da palavra latina *inspirare*, aspirar, inspirar, respirar. Acredita-se que o Espírito Santo “inspira vida” nas pessoas como o vento. Inspiração verbal é um termo e conceito dogmático que afirma que cada palavra nas Escrituras é inspirada, fala com autoridade divina e é isenta de erro, porque deve sua existência à autoria e autorização divinas.

Ísis: Deusa da Sabedoria egípcia de ampla difusão e influência na Antiguidade. Ela é invocada como a Salvadora Divina santa e eterna da raça humana, “beneficente em seu amor às/aos mortais” e que proclama a mensagem universal da salvação. As distintas nações e povos usavam títulos divinos diferentes, provenientes de suas próprias mitologias nativas, ao dirigir-se a Ísis, a “invocada-por-muitos-nomes” e a *una/única* que abrangem tudo (todos os nomes e variantes).

Kyriarcado [*kyriarchy*]: neologismo cunhado por Elisabeth Schüssler Fiorenza que deriva das palavras gregas *kyrios* (senhor, mestre, amo) e *archein* (governar, reinar, dominar). Procura redefinir a categoria analítica do patriarcado em termos de estruturas interseccionais multiplicativas de dominação. O kyriarcado é um sistema sociopolítico de dominação em que os homens brancos, cultos, donos de propriedades e pertencentes à elite detêm o poder sobre as mulheres e os outros homens. A melhor maneira de conceber o kyriarcado teoricamente é como um complexo sistema piramidal de estruturas sociais multiplicativas e interseccionais de sobreordenação e subordinação, de domínio e opressão.

Kyriocentrismo: os sistemas e discursos interseccionais cultural-religioso-ideológicos de raça, gênero, heterossexualidade, classe e etnicidade que produzem, legitimam, inculcam e sustentam o kyriarcado.

Lugar social: constitui-se pelos sistemas kyriarcais de raça, gênero, classe, etnicidade, religião ou idade que determinam a posição e identidade de indivíduos. Trata-se antes de um grupo do que de uma categoria de iden-

tidade, pois as posições sociais são atribuídas às pessoas através de categorias grupais e não voluntariamente.

Masculinização [immascultation]: termo criado por Judith Fetterly, uma crítica literária feminista, que se refere à interiorização e identificação com o homem / masculino nos e através dos textos e da língua/linguagem.

Métodos de interpretação bíblica: incluem métodos históricos, literários, hermenêuticos, práticos, psicológicos e retóricos.

Midrash: substantivo formado a partir da raiz hebraica d-r-š (*dalet-reš-šin*) que significa procurar, examinar, pesquisar. Originalmente, *midrash* era um método oral para comentar as Escrituras Hebraicas, aplicado tanto à *halakah* (material legal) como à *hagadah* (material narrativo, parábolas, histórias, ética e homilias). De modo mais genérico, *midrash* refere-se a tentativas modernas de extrair sentido de textos bíblicos, a fim de integrar mudanças sociais, políticas e teológicas na tradição e de inserir vozes subjugadas de volta ao texto, através de uma interpretação imaginativa alternativa.

Movimento de Libertação das Mulheres [Women's Liberation Movement]: em geral, um movimento de mais de cem anos pela emancipação das mulh*res. De modo específico, um movimento social que emergiu novamente no fim dos anos 60 do séc. 20 (popularmente chamado de *Women's Lib*) que luta para alcançar para todas as mulh*res os direitos, benefícios e privilégios de autoridade e cidadania iguais que lhes são negados por sociedades e religiões kyriaricais.

Mujerista: neologismo cunhado pela eticista latina [norteamericana de raízes latinoamericanas] Ada María Isasi-Díaz, como expressão alternativa para o foco feminista na opressão e libertação das mulh*res latinas/chicanas/hispânicas. Dá preferência à experiência vivida por latinas nos EUA e insiste em sua atuação moral e religiosa. [Em português costuma-se preservar o termo espanhol, devido ao uso extremamente diversificado da palavra "mulherista" e seu uso ocasional para traduzir *womanist*.]

Mulh*r / mulh*res [wo/man, wo/men]: proposta de Elisabeth Schüssler Fiorenza [e a forma adaptada para o português aprovada por ela] de escrever *woman* e *women* [mulher e mulheres], com o fim de indicar que a categoria de "mulh*r(es)" é uma construção social. Mulh*res não são um grupo social uniforme, mas fragmentado por estruturas de raça, classe, etnicidade, religião, sexualidade, colonialismo e idade. A fragmentação do termo "mulh*res" ressalta as diferenças entre mulh*res e dentro de mulh*res individuais. [No original inglês,] a forma indica [com uma clareza que não pode ser reproduzida na tradução] a inclusão de homens [*man, men*] subalternos que são vistos em sistemas kyriaricais "como mulh*res" e funciona como um corretivo linguístico à linguagem androcêntrica.

Nacionalismo: devoção a uma nação particular, seus interesses e sua cultu-

e a convicção de que sua história, sistemas, tradições e valores deveriam ser proeminentes. Indica também a respectiva identidade construída e asseverada por uma nação sob dominação “estrangeira” ou não-nacional.

Neologismo: criação e emprego de novas palavras, ou o uso novo ou redefinição de palavras já existentes.

Ortodoxia: palavra criada a partir das palavras gregas *orthos* (certo/reto/correto) e *doxa* (opinião). Refere-se à adesão a doutrinas e crenças aprovadas, convencionais, aceitas ou consuetudinárias. Seu oposto é a heterodoxia ou heresia. (É também o nome de denominações cristãs.)

Patriarcado: significa literalmente o domínio do pai e é geralmente entendido no âmbito do discurso feminista num sentido dualista de afirmar a dominação invariável de todos os homens sobre todas as mulheres. Discute-se se esse termo é adequado porque, p.ex., homens negros não têm controle sobre mulh*res brancas, e algumas mulh*res (senhoras de escravas/os) têm poder sobre mulheres e homens subalternos (escravas/os).

Pensamento binário: modo de pensar a realidade em termos de “ou um, ou outro” ou uma visão que divide conceitos em duas categorias que se excluem mutuamente (homem/mulher, branco/preto, razão/emoção), em vez de procurar sobreposições e elementos comuns.

Pós-colonialismo: as teorias e práticas sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas que surgem em reação e resistência ao colonialismo. O pós-colonialismo emerge em oposição ao colonialismo (cf. acima) como um ponto crítico vantajoso a partir do qual se pode lutar contra o imperialismo.

Pós-modernismo: mistura de abordagens teóricas diversificadas e às vezes opostas que rejeitam teorias universalistas, procuram desestabilizar relações de poder, reconhecer a multiplicidade e diversidade e que questionam o conceito de conhecimentos positivistas “científicos” e significados únicos, ao enfatizar a particularidade, a diferença e a heterogeneidade.

Prática: tanto práticas, costumes e/ou usos estabelecidos como as teorias que os sustentam; refere-se a ideias que informam práticas e a práticas que formam ideias. A interpretação bíblica feminista é uma prática emancipatória.

Rabi/rabino: “mestra/e”, líder religiosa/o judia/judeu especialmente formada/o e qualificada/o para explicar e aplicar a Torá.

Raça / racismo: classificação de seres humanos segundo agrupamentos comuns com base em características biológicas/físicas. O racismo é um sistema de poder e privilégio desigual e uma ideologia que afirma que, com base na raça, grupos podem ser escalonados hierarquicamente acerca de sua inteligência, habilidade etc. e assim discriminados. A segregação racial é um princípio organizador fundamental do racismo. O racismo pode ser praticado como racismo institucional, científico, cotidiano e pessoal.

Racismo / Sexismo científicos: um corpo específico de conhecimento sobre pessoas/povos negros, asiáticos, indígenas e latinos, ou sobre mulh*res, concebido para provar a inferioridade desses grupos e presente na biologia, antropologia, psicologia, sociologia e teologia e em outras disciplinas acadêmicas e discursos públicos.

Radical: da palavra latina *radix*, raiz. Indica algo fora do usual ou costumeiro, divergente da norma, ou uma poderosa mudança revolucionária. Pode significar também a raiz ou fundamentação de algo.

Reconstrução: método de lembrar, recuperar, resgatar, reclamar e restaurar que procura desconstruir a dinâmica kyriocêntrica de um texto e recontextualizar o texto num quadro interpretativo diferente. Procura tornar “visíveis” os “Outros” subordinados e marginalizados e tornar seus argumentos reprimidos e silêncios novamente “audíveis”, ao tirar o texto kyriocêntrico de seu lugar e inseri-lo num contexto hermenêutico de luta.

Retórica: não deve ser entendida simplesmente no sentido coloquial de figuras e ornamentos estilísticos, manipulação linguística, propaganda enganadora ou “meras” palavras. Em vez disso, a pesquisa da retórica afirma que textos e interpretações bíblicas são discursos argumentativos e persuasivos que implicam objetivos de autoras/es e estratégias linguístico-simbólicas, bem como a percepção e construção da parte da audiência. Reconhece que a interpretação de textos e a produção de sentido são determinadas pelos lugares sócio-político-históricos particulares e pelo interesse e poder político-cultural-religioso.

Sabedoria-Sofia: a palavra grega para sabedoria/Sabedoria, *sophia*, é uma figura feminina divina que aparece na literatura Sapiencial da Bíblia Hebraica em apócrifos como Provérbios, Eclesiastes, Eclesiástico (Sirácida) e no Testamento Cristão. [A opção da autora de distinguir, mediante a grafia com minúscula ou maiúscula, entre a “sabedoria” (*wisdom*) no sentido mais genérico e a figura divina da “Sabedoria” (*Wisdom*) estende-se nesta tradução à grafia dos adjetivos “sapiencial” e “Sapiencial” que vertem o adjetivo inglês *wisdom/Wisdom*, usada pela autora na mesma lógica.]

Semiologia / semiótica: o estudo do significado nas formas da língua/linguagem, ou a relação entre signos e símbolos. A semiótica inclui a semântica (o estudo dos significados: signos e aquilo a que se referem), sintaxe (a relação entre os signos) e pragmática (a relação entre os signos e seus usuários humanos). A semiótica baseia-se na obra do linguista francês Ferdinand de Saussure e significa o sistema dos signos interpretativos e a metodologia baseada na maneira como esses signos e símbolos funcionam para criar significado. A feminista francesa Julia Kristeva usa o termo “semiótica” para descrever a fase pré-edipal do desenvolvimento infantil.

Sola Scriptura: expressão em latim que significa “somente a Escritura”. É um princípio hermenêutico associado particularmente a Martinho Lutero e teólogos reformados e afirma que somente a Escritura, e não a tradição e

a autoridade eclesial, deve ser considerada autoritativa, normativa e obrigatória.

Sofialogia: das palavras gregas *sophia*, Sabedoria/sabedoria, e *legein*, falar, dizer. O termo sofialogia foi cunhado em analogia aos termos teologia ou sociologia e significa o ensinamento e a prática da Sabedoria/sabedoria.

Subalterno: secundário ou inferior em *status* ou posição, subordinado. Trata-se de um termo cunhado pelo discurso pós-colonial.

Talmud: substantivo formado a partir da raiz hebraica l-m-d (*lamed-mem-dalet*) que significa aprender, estudar. Como instrução ou estudo, o Talmud é o corpo autoritativo da tradição judaica e consiste em *Mishná* (tradição legal autoritativa) e *Gemará* (comentário erudito à *Mishná*). Há uma versão palestina (início do séc. 5) e uma babilônica (fim do séc. 5).

Teoria social crítica: corpo de conhecimentos e saberes e conjunto de práticas institucionais que elaboram teorias sobre o social, em defesa da justiça social e econômica.

Terceiro Mundo / Mundo de Dois Terços: termo geopolítico para designar países que não estão no assim denominado Primeiro Mundo, os países economicamente privilegiados da América do Norte, Japão, Austrália, Nova Zelândia e Europa ocidental (a Europa oriental comunista era o “Segundo Mundo”). Em reação às implicações hierárquicas de “Terceiro Mundo” foi introduzido o termo “Mundo de Dois Terços”, para reconhecer a maior parte das/dos cidadã(o)s do mundo que não vivem em países economicamente privilegiados.

Torá: significa ensinamento, caminho ou maneira e refere-se geralmente aos Cinco Livros de Moisés, o Pentateuco. Pode compreender também toda a tradição textual judaica, ou seja, Bíblia, *Mishná*, *Tosefta*, Talmud Babilônico, Talmud de Jerusalém, *Midrash* e comentários. Num sentido mais geral, pode significar a totalidade da revelação ou o modo de vida judaico informado por esses textos.

Tradução: o processo de transferir ou verter para um outro idioma, que envolve uma interpretação e que se dá mediante a análise e a experiência de quem traduz. Não é uma transcrição, mas depende do quadro de referência intelectual e do lugar sociopolítico da/do tradutor(a) e intérprete.

Womanista [adaptação brasileira do inglês *womanist*, opção que leva em conta o uso extremamente diversificado da palavra “mulherista”]: termo cunhado por Alice Walker que se refere a feministas afro[norte]americanas como feministas “de cor”. O centro do feminismo *womanista* são a experiência de mulheres negras e a luta pela sobrevivência de um povo.

Bibliografias

1. Obras citadas neste livro

- ALPERT, Rebecca Trachtenberg. In God's Image: Coming to Terms with Leviticus. In: IDEM (org.). *Voices of the Religious Left: A Contemporary Sourcebook*. Philadelphia: Temple University Press, 2000, 215-222
- ANDERSON, Janice Chapel. Mapping Feminist Biblical Criticism. In: *Critical Review of Books in Religion*, 2. Atlanta: Scholar's Press, 1991, 21-44
- BERNEKING, Nancy J.; JOERN, Pamela Cartes (org.). *Re-Membering and Re-Imagining*. Cleveland: Pilgrim Press, 1995, 246p
- BYSTYDZIENSKI, Jill M.; SEKHON, Joti (org.). *Democratization and Wo/men's Grassroots Movements*. Bloomington: University Press, 1999, 397p
- CAMP, Claudia V. *Wisdom and the Feminine in the Book of Proverbs*. Sheffield: Almond Press, 1985, 352p (Bible and Literature, 11)
- CANNON, Katie Geneva. *Black Womanist Ethics*. Atlanta: Scholars Press, 1988, 182p (Academy series)
- CANNON, Katie Geneva. *Katie's Canon: Womanism and the Soul of the Black Community*. Nova Iorque: Continuum, 1995, 191p
- CASTELLI, Elizabeth A. Heteroglossia, Hermeneutics and History: A Review Essay of Recent Feminist Studies of Early Christianity. In: *The Journal of Feminist Studies in Religion*, 10/2. Harvard: Indiana University Press, 1994, 73-98
- CLIFF, Michelle. A Journey into Speech. In: SIMONSEN, R.; WALKER, S. (org.). *The Graywolf Annual Five: Multicultural Literacy*. Saint Paul: Graywolf Press, 1988, 57-62
- COLLINS, Patricia Hill. *Fighting Words: Black Women and the Search for Justice*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998, 312p
- COOPER, Anna Julia. *A voice from the South*. Original: 1892; re-edição: Nova Iorque: Oxford University Press, 1988, 304p (Schomburg Library of Nineteenth Century Black Women Writers)
- DALFERTH, Heloisa Gralow; ULRICH, Claudete Beise. Wie der Sauerteig, den eine Frau nahm. Leitura Popular da Bíblia und Bibliodrama. In: PAUSCHERT, Margarete; RÖCKEMANN, Antje (org.). *In Spiralen fliegen. Bibliodrama und TZI interkulturell*. Münster: Schlangenbrut e.V., 1999
- DuBOIS, Page. *Torture and Truth*. Nova Iorque: Routledge, 2001, 162p (The New Ancient World)
- EUGENE, Toinette M. Verbete "Mujerista Theology". In: ISHERWOOD, Lisa; McEWAN, Dorothea. *An A to Z of Feminist Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996, 238-239

- FETTERLY, Judith. *The Resisting Reader: A Feminist Approach to American Fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1978, 198p
- FULMER, Collen. *Dancing Sophia's Circle: Original Songs Exploring and Celebrating the Great Wisdom-Sophia Tradition*. CD produzido por: Loretto Spirituality Network, 725 Calhoun Street, Albany, CA 94706, EUA
- GUNDAKER, Grey. The Bible as and at a Threshold: Reading Performance and Blessed Space. In: WIMBUSH, Vincent (org.). *African American and the Bible: Sacred Texts and Social Textures*. Nova lorque: Continuum International, 2000
- HOLTZ, Barry W. (org.). *Back to the Sources: Reading the Classic Jewish Texts*. Nova lorque: Summit Books, 1984, 448p
- hooks, bell. *Feminism is for Everybody: Passionate Politics*. Boston: South End Press, 2000, 123p
- HUGHES, Lillalou. Verbete "Circle Dance". In: ISHERWOOD, Lisa; McEWAN, Dorothea. *An A to Z of Feminist Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996
- HUNT, Mary E. *Fierce Tenderness: A Femist Theology of Friendship*. Nova lorque: Crossroad, 1991, 204p
- HYMAN, Naomi M. *Biblical Wo/men in the Midrash: A Sourcebook*. Northvale: Jason Aronson, 1997, 194p
- ISASI-DÍAZ, Ada María. *Mujerista Theology: A Theology for the Twenty-first Century*. Maryknoll: Orbis Books, 1996, 210p (1996a)
- ISASI-DÍAZ, Ada María. Verbete "Mujerista Theology". In: ISHERWOOD, Lisa; McEWAN, Dorothea. *An A to Z of Feminist Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996, 153-155 (1996b)
- KELLER, Katherine. Seeking and Sucking: On Relations and Essence in Feminist Theology. In: CHOPP, Rebecca S.; DAVANEY, Sheila Greeve (org.). *Horizons in Feminist Theology: Identity, Tradition, and Norms*. Minneapolis: Fortress Press, 1997, 54-78
- KINUKAWA, Hisako. *Women and Jesus in Mark: A Japanese Feminist Perspective*. Maryknoll: Orbis Books, 1994, 156p (The Bible & Liberation Series)
- LONG, Asphodel P. *In a Chariot Drawn by Lions: The Search for the Female in Deity*. Londres: The Woman's Press, 1992, 258p
- MARCUZZO, Maria Cristina; ROSSI-DORIA, Anna (org.). *La ricerca delle donne: Studi femministi in Italia*. Turim: Rosenberg, 1987, 287p
- MORRISON, Toni. *Beloved*. Nova lorque: Knopf, 1987, 324p (tradução brasileira: *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 368p)
- MORTON, Nelle. *The Journey Is Home*. Boston: Beacon Press, 1985, 255p
- NEUSNER, J. *The Midrash: An Introduction*. Northvale: Jason Aronson, 1990, 234p
- OSTRIKER, Alicia Suskin. *Feminist Revision and the Bible*. Cambridge: Blackwell, 1993, 148p (The Bucknell lectures in literary theory, 7)

- PARENTI, Michael. *Democracy for the Few*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1995, 354p
- PILAR AQUINO, María; SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth (org.). *In the Power of Wisdom: Feminist Spiritualities of Struggle*. *Concilium*, 2000,5. Londres: SCM Press, 2000, 128p
- PILAR AQUINO, María; MACHADO, Daisy; RODRÍGUEZ, Jeanette (org.). *A Reader in Latina Feminist Liberation Theology: Religion and Justice*. Austin: University of Texas Press, 2002, 300p
- PLASKOW, Judith. Critique and Transformation: A Jewish Feminist History. In: ORENSTEIN, Debra; LITMAN, Jane Rachel (org.). *Lifecycles, vol. II*. Woodstock: Jewish Lights Publishing House, 1997
- PORTON, Gary G. *Understanding Rabbinic Midrash*. Hoboken: Ktav Publishing House, 1985, 232p (The Library of Judaic Learning, 5)
- RÖCKEMANN, Antje. In Spiralen fliegen. Bibliodrama und TZI (Themenzentrierte Interaktion) interkulturell. In: PAUSCHERT, Margarete; RÖCKEMANN, Antje (org.). *In Spiralen fliegen. Bibliodrama und TZI interkulturell*. Münster: Schlangenbrut e.V., 1999
- ROTHSCHILD-LAEUCHLI, Evelyn. Lot's Wife Looks Back: Biblical Stories as Therapy and Play. In: KRONDORFER, Björn. *Body and Bible: Interpreting and Experiencing Biblical Narratives*. Philadelphia: Trinity Press International, 1992
- RUSSELL, Letty M.; CLARKSON, SHANNON, J. (org.). *Dictionary of Feminist Theologies*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996, 351p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *But She Said: Feminist Practices of Biblical Interpretation*. Boston: Beacon Press, 1992, 261p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipleship of Equals: A Critical Feminist Ekklesia-logy of Liberation*. Nova Iorque: Crossroad, 1993, 372p (tradução brasileira: cf. Secção 3)
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Sharing Her Word: Feminist Biblical Interpretation in Context*. Boston: Beacon Press, 1998, 222p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Rhetoric and Ethic: The Politics of Biblical Studies*. Minneapolis: Fortress Press, 1999, 220p
- SMITH, Anna Maria. *Laclau and Mouffe: The Radical Democratic Imagination*. Nova Iorque etc.: Routledge, 1998, 236p
- TATMAN, Lucy. Verbete "Wisdom". In: ISHERWOOD, Lisa; McEWAN, Dorothea (org.). *AN A to Z of Feminist Theology*. Sheffield: Academic Press, 1996
- WADUD-MUHSIN, Amina. *Qur'an and Woman*. Kuala Lumpur: Penerbit Fajar Bakhti, 1992, 118p
- WADUD-MUHSIN, Amina. In Search of a Woman's Voice in Quranic Hermeneutics. In: PUI-LAN, Kwok; SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth (org.). *Women's Sacred Scriptures*. *Concilium*, 1998,3. Maryknoll: Orbis, 1998, 37-44
- WALKER, Alice. *In Search of Our Mothers' Gardens: Womanist Prose*. Nova Iorque: Harcourt Brace & Co., 1983, 397p (A Women's Press classic)

- WASKOW, Arthur. God's Body: The Midrashic Process, and the Embodiment of Torah. In: KRONDORFER, Björn. *Body and Bible: Interpreting and Experiencing Biblical Narratives*. Philadelphia: Trinity Press International, 1992
- WEST, Cornel. The New Cultural Politics of Difference. In: DURING, Simon (org.) *The Cultural Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge, 1993, 203-220

2. Obras recomendadas pela autora (em inglês)

As recomendações bibliográficas desta secção são recursos e ferramentas da interpretação feminista que você pode achar úteis em sua caminhada nos Caminhos da Sabedoria.

- ACHTEMEIER, Paul J. (org.). *Harper's Bible Dictionary*. Nova Iorque: Harper Collins, 1993, 1178p
- ANDERSON, Janice Capel; MOORE, Stephen D. (org.). *Mark & Method: New Approaches in Biblical Studies*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, 288p
- AQUINO, María Pilar; SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth (org.) *In the Power of Wisdom: Feminist Spiritualities of Struggle*. *Concilium*, 2000,5. Londres: SCM Press, 2000, 140p
- AQUINO, María Pilar; MACHADO, Daisy L.; RODRÍGUEZ, Jeanette (org.). *A Reader in Latina Feminist Theology*. Austin: University of Texas Press, 2002, 300p
- BACH, Alice (org.). *Wo/wen in the Hebrew Bible: a Reader*. Nova Iorque: Routledge, 1999, 539p
- BROOTEN, Bernadette J. *Women Leaders in the Ancient Synagogue. Inscriptural Evidence and Background Issues*. Atlanta: Scholars Press, 1982, 281p (Brown Judaic Studies, 36)
- BÜCHMANN, Christina; SPIEGEL, Celina (org.). *Out of the Garden: Women Writers on the Bible*. Nova Iorque: Fawcett Columbine, 1995, 351p
- BURRUS, Virginia. *Chastity as Autonomy: Women in the Stories of the Apocryphal Acts*. Lewiston: E. Mellen Press, 1987, 136p (Studies in Women and Religion, 23)
- CADY, Susan; TAUSSIG, Hal E.; RONAN, Marian. *Wisdom's Feast: Sophia in Study and Celebration*. Nova Iorque: Harper, 1989, 228p
- CHENEY, Emily. *She Can Read: Feminist Reading Strategies for Biblical Narrative*. Valley Forge: Trinity Press, 1996, 192p
- CHOPP, Rebecca S. *The Power to Speak: Feminism, Language, and God*. Nova Iorque: Crossroad, 1989, 167p
- CHRIST, Carol; PLASKOW, Judith (org.). *Weaving the Visions. New Patterns in Feminist Spirituality*. Nova Iorque: Harper & Row, 1988, 369p
- DEMERS, Patricia. *Women as Interpreters of the Bible*. Nova Iorque: Paulist Press, 1992, 181p

- EISEN, Ute E. *Women Officeholders in Early Christianity: Epigraphical and Literary Studies*. Collegeville: Liturgical Press, 2000, 322p
- FUCHS, Esther. *Sexual Politics in the Biblical Narrative. Reading the Hebrew Bible as a Woman*. Sheffield: Sheffield University Press, 2001, 224p (Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series, 310)
- GAMBLE, Sarah (org.). *The Routledge Critical Dictionary of Feminism and Post-feminism*. Nova lorque: Routledge, 1999, 370p (The Routledge Critical Dictionary Series)
- HASKINS, Susan. *Mary Magdalen: Myth and Metaphor*. Nova lorque: Harcourt, 1993, 502p
- ILAN, Tal. *Integrating Women into Second Temple History*. Tübingen: Mohr, 1999, 296p (Texts and Studies in Ancient Judaism, 76)
- ISHERWOOD, Lisa; McEWAN, Dorothea (org.). *An A to Z of Feminist Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996, 266p
- KING, Karen L. (org.). *Images of the Feminine in Gnosticism*. Philadelphia: Fortress Press, 1988, 455p (Studies in Antiquity and Christianity)
- KRAEMER, Ross Shepard. *Her Share of the Blessings. Women's Religions among Pagans, Jews, Christians in the Greco-Roman World*. Nova lorque: Oxford University Press, 1992, 275p
- KRAEMER, Ross Shepard (org.). *"Maenads, Martyrs, Matrons, Monastics": A Source Book on Women's Religion in the Greco-Roman World*. Philadelphia: Fortress Press, 1988, 429p
- KRONDORFER, Björn. *Body and Bible: Interpreting and Experiencing Biblical Narratives*. Philadelphia: Trinity Press International, 1992, 209p
- LERNER, Gerda. *The Creation of Patriarchy*. Nova lorque: Oxford University Press, 1986, 318p (Women and History, 1)
- LERNER, Gerda. *The Creation of Feminist Consciousness: From the Middle Ages to the Eighteen-Seventies*. Nova lorque: Oxford University Press, 1993, 395p (Women and History, 2)
- LEVINE, Amy-Jill. *"Women Like This": New Perspectives on Jewish Women in the Greco-Roman World*. Atlanta: Scholars Press, 1991, 260p (Early Judaism and its Literature, 1)
- MAYS, James L. (org.). *Harper's Bible Commentary*. Nova lorque: Harper Collins, 2000, 1326p
- MEEKS, Wayne A. (org.). *The HarperCollins Study Bible: New Revised Standard Version with the Apocryphal/Deuterocanonical Books*. Nova lorque: Harper Collins, 1993, 2355p
- MEYERS, Carol etc. (org.). *Women in Scripture: A Dictionary of named and unnamed Women in the Hebrew Bible*. Boston: Houghton Mifflin, 2000, 592p
- NEWSOM, Carol A.; RINGE, Sharon H. (org.). *Women's Bible Commentary: Expanded Edition*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1998, 501p
- OSTRIKER, Alicia Suskin. *Feminist Revision and the Bible*. Oxford: Blackwell,

- 1993, 148p (The Bucknell lectures in literary theory, 7)
- PARDES, Ilana. *Countertraditions in the Bible: A Feminist Approach*. Cambridge: Harvard University Press, 1992, 194p
- PUI-LAN, Kwok; SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth (org.). *Women's Sacred Scriptures*. *Concilium*, 1998,3. Maryknoll: Orbis, 1998, 112p
- ROBINS, Wendy S. (org.). *Through the Eyes of a Woman: Bible Studies on the Experience of Women*. Genebra: WCC Publications, ed. revisada 1995, 145p
- RUSSELL, Letty M.; CLARKSON, J. Shannon (org.). *Dictionary of Feminist Theologies*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996, 351p
- SCHABERG, Jane. *The Illegitimacy of Jesus: A Feminist Theological Interpretation of the Infancy Narratives*. San Francisco: Harper & Row, 1987, 318p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *But She Said: Feminist Practices of Biblical Interpretation*. Boston: Beacon Press, 1992, 261p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus: Miriam's Child and Sophia's Prophet*. Nova lorque: Continuum, 1994, 262p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Searching the Scriptures: A Feminist Commentary*. Nova lorque: Crossroad, 1994, 894p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Bread Not Stone: The Challenge of Feminist Biblical Interpretation*. Boston: Beacon Press, edição do 10º aniversário 1995, 182p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth (org.). *The Power of Naming: A Concilium Reader in Feminist Liberation Theology*. Maryknoll: Orbis Books, 1996, 373p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Sharing Her Word: Feminist Biblical Interpretation in Context*. Boston: Beacon Press, 1998, 222p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Rhetoric and Ethic: The Politics of Biblical Studies*. Minneapolis: Fortress Press, 1999, 220p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus and the Politics of Interpretation*. Nova lorque: Continuum, 2000, 180p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *The Power of the Word: Scripture and the Rhetoric of Empire*. Minneapolis: Fortress Press, 2007, 280p
- SEGOVIA, Fernando; TOLBERT, Mary Ann (org.). *Teaching the Bible. The discourses and politics of biblical pedagogy*. Maryknoll: Orbis Books, 1998, 372p
- SELVIDGE, Marla J. *Notorious Voices: Feminist Biblical Interpretation 1500-1920*. Nova lorque: Continuum, 1996, 264p (A Paragon House book)
- SUGIRTHARAJAH, Rasiah S. (org.). *Voices from the Margin: Interpreting the Bible in the Third World*. Maryknoll: Orbis Books, 1991, 506p
- STANTON, Elizabeth Cady (org.). *The Original Feminist Attack on the Bible: The Woman's Bible*. Nova lorque: Arno Press, 1974 (edição de fac-símile do original de 1895-1898), 217p. Versão eletrônica gratuita em: Mobipocket Free E-books
- TRIBLE, Phyllis. *Texts of Terror: Literary-Feminist Readings of Biblical Narratives*. Philadelphia: Fortress Press, 1984, 128p (Overtures to biblical theology, 13)

- WAINWRIGHT, Elaine Mary. *Towards a Feminist Critical Reading of the Gospel According to Matthew*. Berlim: de Gruyter, 1991, 410p (BZLNWKK, 60)
- WASHINGTON, Harold C.; GRAHAM, Susan Lochrie; THIMMES, Pamela (org.). *Escaping Eden: New Feminist Perspectives on the Bible*. Sheffield: Sheffield Press, 1999, 292p
- WEEMS, Renita. *Just a Sister Away: A Womanist Vision of Women's Relationships in the Bible*. San Diego: Lura Media, 1988, 145p
- WEEMS, Renita. Reading Her Way Through the Struggle. In: FELDER, Cain Hope (org.). *Stony the Road We Trod: African American Biblical Interpretation*. Minneapolis: Fortress Press, 1991, 57-80
- WEGNER, J. Romney. *Chattel or Person? The Status of Women in the Mishnah*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1988, 267p
- WEST, Gerald. *Biblical Hermeneutics of Liberation: Models of Reading the Bible in the South African Context*. Maryknoll: Orbis Books, 1995, 350p
- WINTER, Miriam Therese. *WomanWord: A Feminist Lectionary and Psalter: Women in the New Testament*. Nova Iorque: Crossroad, 1990, 319p
- WIRE, Antoinette Clark. *The Corinthian Women Prophets: A Reconstruction Through Paul's Rhetoric*. Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 1990, 316p

3. Obras recomendadas pela Nhanduti Editora (em português e espanhol)

Como no caso das obras recomendadas pela autora, trata-se de uma seleção de obras, principalmente da pesquisa bíblica feminista. Outros artigos de autoras aqui mencionadas encontram-se nas seguintes revistas e séries:

Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA), cf. www.claiweb.org
ou www.itf.org.br

Estudos Bíblicos, cf. www.itf.org.br

Série "A Palavra na Vida", cf. www.cebi.org.br

Con-spirando, cf. <http://conspirando.cl>

BRENNER, Athalya (org.). Série: "... – a partir de uma leitura de gênero". São Paulo: Paulinas

Gênesis – a partir de uma leitura de gênero (2000, 448p)

De Êxodo a Deuteronômio – (2000, 300p)

Juízes – (2001, 304p)

Rute – (2002, 296p)

Samuel e Reis – (2003, 376p)

- Profetas* – (2003, 541p)
Ester, Judite e Susana – (2003, 438p)
Cântico dos Cânticos – (2000, 327p)
(títulos originais: *A feminist companion to... = Uma companheira feminista para...*)
- BRENNER, Athalya. *A mulher israelita. Papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001, 211p
- BUDALLÉS DIEZ, Mercedes de. Raab, mulher “zoah”, mulher de fronteiras. In: FELIX, Isabel Aparecida (org.). *Teologias com sabor de mangostão. Ensaios em homenagem a Lieve Troch*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009, 81-90
- BUSCEMI, Maria Soave. Eu, Terra do Meio. Corpo de Mulher e Leitura Popular da Bíblia. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 160p
- DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, Loyola, SOTER, 2003, 171-186
- GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaios para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d’água, 1997, 135p
- GEBARA, Ivone. *O que é Teologia Feminista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007, 65p
- GEBARA, Ivone. *Compartir los panes e los peces. Cristianismo, teología y teología feminista*. Montevideo: Doble click, 2008
- GEBARA, Ivone. [Título provisório: Antologia de textos]. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009, 254p
- GÖSSMANN, Elisabeth; MOLTMANN-WENDEL, Elisabeth (org.). *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997, 582p (Coleção Teologia Feminina)
- LOPES, Mercedes. *A confissão de Marta: leitura a partir de uma ótica de gênero*. São Paulo: Paulinas, 1996, 111p (Coleção Mulher ontem e hoje)
- LOPES, Mercedes. *A Mulher sábia e a sabedoria mulher – símbolos de co-inspiração. Um estudo sobre a mulher em textos dos Provérbios*. São Leopoldo: Oikos, 2007, 218p
- MARQUES, Maria Antônia. *Judite: Beleza, Sedução e Morte – Uma leitura de Judite 16,1-12*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista (tese), 2008
- MENA LÓPEZ, Maricel. *Raíces afro-asiáticas nas origens do povo de Israel: uma proposta de reconstrução histórico-feminista*. São Bernardo do Campo: UMESP (tese), 2002, 239p
- MENA LÓPEZ, Maricel. *Hermenêutica negra feminista: de invisível a intérprete e artífice da sua própria história*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 50. Petrópolis: Vozes, 2005, 183-188
- NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia*. In: *Estudos Teológicos*, 45,2. São Leopoldo: EST, 2005, 117-128
- NEUENFELDT, Elaine Gleci (org.). *Nossos caminhos e nossas opções metodo-*

- cas: ensaios de leitura bíblica popular, feminista e de gênero: 1 Samuel 1. São Leopoldo: CEBI, 2007, 68p (A Palavra na Vida, 229/230)
- OTTERMANN, Monika. *As Brigas divinas de Inana. Reconstrução feminista de repressão e resistência em torno de uma deusa suméria*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista (tese), 2007, 339+70p
- OTTERMANN, Monika. Jesus e as Mães de Israel. Ou: como Maria de Nazaré chegou a ser mãe em Israel. In: *Estudos Bíblicos*, 99. Petrópolis: Vozes, 2008, 98-107
- PEREIRA, Nancy Cardoso. *Cotidiano sagrado e a religião sem nome: religiosidade popular e resistência cultural no ciclo de milagres de Eliseu*. São Bernardo do Campo: UMESP (tese), 1998, 259p
- PEREIRA, Nancy Cardoso. Hermenêutica feminista: roteiros e inimidade ou parcerias saborosas? In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 50. Petrópolis: Vozes, 2005, 189-196
- PILAR AQUINO, María; TAMEZ, Elsa. *Teología feminista latinoamericana*. Quito: Abya Yala, 1998, 110p
- PILAR AQUINO, María; ROSADO-NUNES, Maria José. *Teología Feminista Intercultural*. México: Ediciones Dabar, 2008, 365p (versão inglesa: *Feminist Intercultural Theology. Latina Explorations for a Just World*. Nova Iorque: Orbis Books, 2007, 270p [Studies in Latino/a Catholicism])
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003, 119p
- REIMER, Ivoni Richter. Vida de mulheres na sociedade e na Igreja: uma exegese feminista de Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1995, 102p (Coleção Mulher ontem e hoje)
- REIMER, Ivoni Richter; BUSCEMI, Maria Soave. Respiros... entre transpiração e conspiração. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 50. Petrópolis: Vozes, 2005, 157-162
- RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene (org.). *Del cielo a la Tierra. Una Antología de Teología Feminista*. Santiago: Sello Azul e Editorial de Mujeres, 1994, 539p
- ROESE, Anette. *Bibliodrama: a arte de interpretar textos sagrados*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, 152p
- RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993, 239p (Série Teologia Sistemática)
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Movimentos do corpo prostituído da mulher: encontros e desencontros teológicos. São Paulo e São Bernardo do Campo: Loyola e UMESP, 1999, 172p
- SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: Exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995, 149p (Coleção Mulher ontem e hoje)
- SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Interpretação Feminista. Resultados de pesquisas bíblicas desde a perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: EST / Sinodal / CEBI, 2008, 242p

- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As Origens Cristãs a partir da Mulher. Uma Nova Hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, 398p (original: *In Memory of Her. A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*, 1983)
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de Iguais. Uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995, 404p
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *En la senda de Sofía. Hermenêutica feminista crítica para la liberación*. Buenos Aires: Lumen-ISEDET, 2003, 111p (palestras no ISEDET em 1996)
- STRÖHER, Marga Janete. Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista. São Leopoldo: EST (tese), 2002, 313p
- STRÖHER, Marga Janete. A história de uma história – o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. In: *Historia Unisinos*, 9,2. São Leopoldo: Unisinos, 2005, 116-123
- TAMEZ, Elsa. *Luchas de poder en los orígenes del cristianismo: un estudio de la primera carta a Timoteo*. San José: DEI, 2004, 232p
- TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. São Leopoldo: Sínodal, 2004, 102p
- TEPEDINO, Ana Maria. *As Discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, 133p
- TEPEDINO, Ana Maria; PILAR AQUINO, María. *Entre la indignación y la esperanza: teología feminista latinoamericana*. Bogotá: Indo-American Press e ASETT, 1998, 211p
- TROCH, Lieve. *Passos com Paixão. Uma Teologia do Dia-a-Dia*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, 95p
- WEILER, Lucia. Chaves hermenêuticas para uma releitura da Bíblia em perspectiva feminista e de gênero. In: SUSIN, Luiz Carlos (org): *Sarça Ardente: Teologia na América Latina – Prospectivas*. São Paulo: Soter e Paulinas, 2000, 222-237

Índice temático

- Abolicionismo 80
- Academia: relação da interpretação bíblica feminista com a A. 99; A. e falta de mulheres na pesquisa bíblica 24; marginalização dos estudos bíblicos feministas 24-25; pós-modernismo e A. 57; linguagem técnica 21; sobre mulheres na década de 1960: 80
- Achtemeier, Paul 161
- Afro(norte)americanas, Mulheres 24; 71; 169-170
- Agar 177
- Alegórico, Método a. da interpretação bíblica 53
- Alfabetização e não-alfabetização 20
- Alpert, Rebecca 211
- Amizade 145-146
- Análise social: sistêmica complexa 135-143; categorias dualistas de A. 129-135; categorias principais da A. 124-129; razões para uma A. feminista 119-124. *Cf. também*: Lugar social
- Androcentrismo 132-133
- Androginia 143-144
- Antigo Testamento: discussão do termo 36 n.8
- Antijudaísmo 62; 83; 163; 167; 178
- Antropologia 131; 168
- Apocalípticas, Tradições 41 n.11
- Apócrifos 37 n.10
- Aprendizagem: paradigma revelatório-doutrinal 53-55; modelo emancipatório 46-51; quatro modelos da corrente dominante masculina 44-46; paradigma hermenêutico-cultural 56-58; paradigma retórico-emancipatório 58-64; paradigma científico-positivista 55-56
- Arendt, Hannah 104
- Aristóteles 141
- Arqueologia 164-165
- Atena 38; 87
- Augere/auctoritas* 64
- Autossacrifício 111
- Avós 50; 50 n.13
- Bakhtin, Mikhail 23
- Beauvoir, Simone de 98 n.32; 102; 130
- Bíblia Hebraica: discussão do termo 36 n.8
- Bíblia: dois modelos de linguagem na B. 42-43; fetichismo 84-86; paradigma revelatório-doutrinal da leitura 53-55; paradigma hermenêutico-cultural da leitura 56-58; paradigma retórico-emancipatório da leitura 58-65; paradigma científico-positivista da leitura 55-56; ponto de partida da interpretação feminista da B. 106; rejeição feminista 80-81; compreensão da B. neste livro 18-19; suposições erradas sobre a formação e leitura 82-88; tabu de criticar a B. 88-90. *Cf. também*: Interpretação bíblica feminista; e outros tipos de interpretação nos respectivos verbetes
- Biblicismo 55
- Bibliodrama 171-172
- Boal, Augusto 180
- Bosch, Selma 182
- Brecht, Berthold 179
- Brock, Rita Nakashima 145
- Brooten, Bernadette 161
- Brown Blackwell, Antoinette 163
- Butler, Ella 6
- Cannon, Katie G. 35; 71
- Cânon: diferentes versões eclesiásticas do C. 37 n.10; formação 82; 159-160; C. e hermenêutica da avaliação crítica 201
- Capitalismo 25; 60
- Castelli, Elizabeth 23
- Chung Hyun Kyung 175
- Cienticismo 56

- Círculo hermenêutico 188-189
 Cixous, Hélène 144
 Clark, Elizabeth 162
 Cliff, Michelle 208
 Códigos domésticos 141; 166
 Cohn, Ruth 27
 Collins, Patricia Hill 195; 211
 Colonialismo: C. e crítica científico-positivista 60; C. e discurso da Dama Branca 40; C. e feminismo pós-colonial 78; C. e paradigma hegemônico de estudos bíblicos 58
 Comunidades Cristãs de Base ("CEBs") 172
 Conceito da "mãe simbólica" 49
 Conferências da ONU sobre Mulh*res 79
 Conhecimento: modelo emancipatório 46-51; paradigma científico-positivista 55-56; paradigma eurocêntrico da corrente dominante masculina 30; paradigma hermenêutico-cultural 56-58; paradigma retórico-emancipatório 58-65; paradigma revelatório-doutrinal 53-55; quatro modelos da corrente dominante masculina 44-46; relação de intelectuais com movimentos de base e C. 98
 Conscientização: diferença entre C. e despertar de consciência 29; interpretação bíblica feminista como processo de C. 110-115; métodos de C. 172-182. *Cf. também:* Despertamento de consciência
 Contar histórias 169-170; 201-203
 Contexto: *cf.* Lugar social
 Cooper, Anna Julia 73
 Crítica: C. bíblica cultural 19-20; 172; C. cultural 97; C. da resposta/reação da/do leitor(a) ["*Reader-response criticism*"] 173; 177; C. ideológica 19; C. narrativa 176; C. textual 157; 158-159
 Crítica pós-colonial: estudos emancipatórios comparados com a C. 19; história da crítica bíblica 164; C. sobre a modernidade 57-58. *Cf. tam-*
bém: Feminismo pós-colonial
 Culto ao Verdadeiro Ser Mulher 40; 125; 174. *Cf. também:* Divino Feminino; Dama Branca
 Daly, Mary 144
 Dama Branca, Discurso da: colonialismo e D. 40; discussão do termo 125; feminismo complementar e D. 76; identificação imaginativa com mulh*res bíblicas e D. 174; inícios da rejeição 98; o feminino-maternal e o D. 146; opressão pelos homens e D. 75. *Cf. também:* Culto ao Verdadeiro Ser Mulher; Divino Feminino
 Dança 31; 187-189
 Davis, Angela 102
 Democracia: a partir da base 115; grega 137-138; liberal 95; marxista/socialista 95; participatória 95; romana 138-139; tipos de D. 95; D. e kyriarcado 136-137; D. e kyriocentrismo 141-142
 Democracia radical: composição de textos e D. 21-22; definição 22 n.4; a *ekklesia* de mulh*res e a D. 146-147; método de aprendizagem na D. 46-51; poder na D. 141; significado da luta na D. 42-43; Interação Centrada no Tema e D. 27-28; leitura bíblica / da Torá e D. 26-27; movimentos de mulh*res e D. 95-97
 Desfamiliarização 179
 Despertamento de consciência 29; 30-31
 Deusas 38; 80; 160
 Dialógico, Modelo d. da língua 43
 Diálogo platônico 48
 Dike 38
 Divino Feminino 40-41. *Cf. também:* Culto ao Verdadeiro Ser Mulher; Dama Branca
 Dominação *versus* Opressão: análise sistêmica complexa de D. (visão geral) 135-136; categorias dualistas da análise de D. 129-135; categorias principais da análise de D. 124-129; critérios para a determinação 126-129;

- efeitos de D. 104; ética gerada por D. 104; hermenêutica da D. 194-197; razões para uma análise social de D. 119-124; teologia da libertação sobre D. 104; D. e kyriarcado 136-141
- Doutorado, Programas de 25
- Driver, Tom 89
- Dualismo: D. e categorias de análise social 129-135; D. do feminismo complementar 76; D. e interpretação corretiva 163; D. e teologia feminista 103-104
- duBois, Page 48
- Ecofeminismo 78
- Educacional-comunicativo, Modelo e. de aprendizagem 44; 46-47
- Eisen, Ute 161
- Ekklesia de mulh*res*: como lugar ideológico alternativo para a leitura de textos 180; diagrama 153; feminismo crítico-libertador sobre E. 80; função 201; como quadro reconstrutivo 145-149
- Ellison, Linda 32
- Ellison, Ralph 47
- Emancipatório, Modelo e. de aprendizagem 46-52. *Cf. também*: Interpretação retórico-emancipatória
- Emoções 30
- Espírito: a bíblia e o E. 84-85; gênero do E. 158; teologias tradicionais sobre o E. como masculino 36
- Espiritualidade 15-17
- Essencialismo 137; 144
- Estudos bíblicos feministas: cooptação dos E. 25-26; E. e fóruns grupais 26-33; modelos de aprendizagem nos E. 46-51; relação com o feminismo 105-110; ponto de partida 106. *Cf. também*: Interpretação bíblica feminista; Interpretação libertadora feminista
- Estudos de/sobre mulheres 87
- Estudos feministas: inícios 21-23; literatura crescente 23; diferença entre E. e estudos sobre mulheres 87
- Ética 104-105
- Eugene, Toinette 71
- Evangelicismo 60
- Exegese: diferença entre E. e interpretação 20
- Êxodo 169-170
- Experiência 189-190
- Extracurricular, Pesquisa 160
- Fanon, Frantz 102
- Fatos 55; 56
- Feminilidade 98; 144-146. *Cf. também*: Culto ao Verdadeiro Ser Mulher; Divino Feminino; Dama Branca
- Feminism Is for Everybody* (bell hooks) 30; 70; 146
- Feminismo: complementar 76; contextual/global 79; crítico-libertador 80; da diferença 97-98; da segunda onda 101; definições 71-73; de gênero 77; do Terceiro Mundo 78-79; 135; francês 144; internacional 97-98; judaico 171; lésbico 77; marxista/materialista 78; maternal 77; 144-145 (*Cf. também*: Maternidade); F. por direitos iguais / liberal 76; 101; pós-colonial 79
- Feminismo pós-moderno: história do feminismo e o F. 101-102; visão geral 78; sobre o Movimento das Mulheres nos anos de 1970: 101-102. *Cf. também*: Pós-modernismo
- Feminismo radical *cf.* Ginocentrismo (Gynaikocentrismo); Feminismo radicalmente centrado em mulh*res
- Feminismo radicalmente centrado em mulh*res 100-101; quadros reconstrutivos do F. 143-149; relacional 77-78; 145; religioso 79; socialista-marxista 135; 136; tipos de F. 75-80
- Feminismo e grupos de despertar de consciência 30-31; F. e experiência 87-88; F. e língua/linguagem 73-74; F. sobre modernidade 57; relação com estudos bíblicos feministas 105-110; F. sobre tradições Sapienciais 40-42. *Cf. também*: Estudos bíblicos feministas; Interpretação bíblica feminista; Interpretação libertadora feminista; Interpretação retórico-emancipatória; Movimentos de Mulheres; Teologia da libertação feminista

- Fetichismo da bíblia 84-85
 Fetterly, Judith 74; 172
 Flon 160
 Filosofia neoaristotélica 139
 Foucault, Michel 60-61
 Fredrickson, Marianne 110
 Freire, Paulo 44; 102; 111; 180
 Friedan, Betty 102
 Fulmer, Colleen 203; 212
 Fundamentalismo: infalibilidade da bíblia 88-89; paradigma científico-positivista e F. 45; 54; 60; paradigma revelatório-doutrinal e F. 54
 Gadamer, Hans-Georg 86
 Gênero: categoria dualista de análise 129-132; Espírito e G. 158; língua/linguagem e G. 132-133; 155-156; problemas de analisar o lugar social de mulheres de acordo com o G. 124-125
 Gilligan, Carol 91
 Ginocentrismo (Ginaicocentrismo) / Feminismo radical 77; 143-144. *Cf. também:* Feminismo radicalmente centrado em mulh*res
 Glossolalia 23
 Gössmann, Elisabeth 98
 Grécia Antiga 138-139
 Gregório Magno 53; 64
 Grey, Mary 145
 Grimké, Sarah Moore 157
 Grupos: Interação Centrada em Temas e G. 27; leitura da bíblia / Torá e G. 27-28; métodos de trabalho em G. 27-30
 Gunn Allen, Paula 50
 Habermas, Jürgen 112
Hagadá 170
Halacá 170
Hannah's Daughters (Marianne Fredrickson) 110
 Harnack, Adolf von 161-162
 Harrison, Beverly 145
Havrutá 27
 Heresia, Processos de 56
 Hermenêutica: da ação transformadora pela mudança 209-212; da avaliação crítica 199-201; da dominação e do lugar social 194-197; da experiência 191-194; da imaginação criativa 201-205; da lembrança e reconstrução 205-208; da suspeita 197-199; descrição 86-87; Gadamer sobre H. 86; modelo de dois passos 17; sete estratégias 88
 Hesíodo 87
 Heyward, Carter 145
 Historiografia 165-167; 206-208
Hokmá 36; 37; 38-40
 Holtz, Barry 27
 Homem de razão 57
 hooks, bell 30-31; 70; 139
 Howell, Nancy 145
 Hughes, Lillalou 189
 Humanismo 54
 Hunt, Mary 146
 Hyman, Naomi 29; 33; 190-191
 Igualdade 22 n.4; 104. *Cf. também:* *Ekklesia de mulh*res*; Democracia radical
 Iluminismo 55; 131
 Imaginação 169-172; 201-205
 Imperialismo: como critério para determinar a opressão 127; feminismo pós-colonial e I. 79; I. romano 138-139; modelo do cristianismo primitivo e I. 167
 Império Romano 138-139
In Memory of Her (Elisabeth Schüssler Fiorenza) 108-109; 165
In Search of Our Mothers' Gardens (Alice Walker) 71
 Infalibilidade da bíblia 54. *Cf. também:* Fundamentalismo; Literalismo
 Intelectuais 97-98. *Cf. também:* Academia
 Interação Centrada no Tema (ICT) 27-28
 Intercultural, Pesquisa 160
 Interpretação bíblica feminista: contradição básica ressaltada pela I. 156-157; fatores negativos no sucesso da I. 24-26; inícios 20-22; I. e conscientização 110-115; 172-182; I. e her-

- menêutica da ação transformadora pela mudança 209-212; l. e hermenêutica da avaliação crítica 199-201; l. e hermenêutica da dominação e do lugar social 194-197; l. e hermenêutica da experiência 191-194; l. e hermenêutica da imaginação criativa 201-205; l. e hermenêutica da lembrança e reconstrução 205-208; l. e hermenêutica da suspeita 197-199; literatura crescente 23; métodos corretivos 157-163; métodos histórico-reconstrutivos 163-169; métodos imaginativos 169-172; princípios mais importantes 23-24. *Cf. também*: Estudos bíblicos feministas; Teologia da libertação feminista
- Interpretação: corretiva 157-163; distinção de leitura e exegese 19-20; dogmático-literário: *cf.* Paradigma revelatório-doutrinal; judaica 190-191; revisionista 157-163
- Interpretação libertadora feminista: diferença entre l. e interpretações da corrente dominante masculina 156-157; métodos corretivos 157-163; métodos histórico-reconstrutivos 163-169. *Cf. também*: Interpretação bíblica feminista; Estudos bíblicos feministas
- Interpretação retórico-emancipatória: consciente de suas lentes hermenêuticas 187-188; conscientização e l. 113-114; definição 113; hermenêutica da ação transformadora pela mudança e l. 209-212; hermenêutica da avaliação crítica e l. 199-201; hermenêutica da dominação e do lugar social e l. 194-197; hermenêutica da experiência e l. 191-194; hermenêutica da imaginação criativa e l. 201-205; hermenêutica da lembrança e l. 205-208; hermenêutica da suspeita e l. 197-199; resumo 67; visão geral 58-64; l. sobre poder 62
- Irigaray, Luce 76; 144
- Isasi-Díaz, Ada María 71
- Ísis 38; 39; 160
- Jesus: crítica de *reader-response* acerca de J. 173; 177; identificação imaginativa 174-175; masculinização de mulh*res e J. 180; reversão de papéis e J. 177
- João Paulo II 76
- Journal of Feminist Studies in Religion, The* 103 n.35
- Jungiana, Teoria psicanalítica 144; 174
- Júnia 166
- Keller, Katherine 145
- Kelly, Joan 165
- King Jr., Martin Luther 102
- Kinukawa, Hisako 139
- Kristeva, Julia 144
- Kuhn, Thomas 52
- Kyriarcado: aspectos estruturais 139-149; na Antiga Grécia 136-137; na bíblia 56; definição 15; diagrama do modelo doméstico do K. 151; no Império Romano 138-139; marginalização de pesquisas bíblicas feministas e K. 23-24; sistema imperial japonês e K. 139-140; visão geral 136-137. *Cf. também*: Dominação *versus* Opressão; Kyriocentrismo
- Kyriocentrismo: definição 137; experiência de mulh*res e K. 192; ler contra o teor de textos marcados pelo K. 179-180; língua/linguagem e K. 198; visão geral 141-143. *Cf. também*: Dominação *versus* Opressão; Kyriarcado
- Laclau, Ernest 123
- Laqueur, Thomas 131
- LeFort, Gertrud von 98
- Leitura: distinção de “interpretação” 20; em grupos radicalmente democráticos 27-28; Interação Centrada em Temas e L. 28; métodos da conscientização e L. 172-182; métodos imaginativos da L. feminista 169-173; modelo emancipatório 46-51; modelo revelatório-doutrinal 53-55; paradigma científico-positivista 55-56; paradigma hermenêutico-cultural

- 56-58; paradigma retórico-emancipatório 58-64; quatro modelos da corrente dominante masculina 44-46
- Leitura Popular da Bíblia 171; 180
- Limbaugh, Rush 70
- Língua/Linguagem: dois modelos de L. bíblica 41-42; feminismo e L. 173-176; gênero e L. 132-133; L. kyriocêntrica 198; L. técnica 21; relação de mulheres com a L. kyriocêntrica 175; traduzir a L. bíblica 36 n.9
- Literalismo 56; 57; 60. *Cf. também:* Fundamentalismo
- Lloyd, Genevieve 57
- Long, Asphodel 51
- Lorde, Audre 19
- Lugar social: categorias principais de análise do L. 126-129; Folha de Trabalho para fazer um inventário do L. 117; fóruns grupais e diferenças de 30; hermenêutica do L. 194-197; kyriocentrismo e L. 141-143; leitura bíblica retórica e L. 113; L. de mulh*res na Antiguidade 165-166; razões para uma análise social feminista do L. 119-126; visão geral de uma análise sistêmica complexa do L. 135-136. *Cf. também:* Análise social
- Lutas pela libertação nos anos 60 e 70: 98; 99
- Lutero, Martinho 54
- Luxemburg, Rosa 102
- Maat 38
- Marginalização 127. *Cf. também:* Dominação *versus* Opressão
- Maria Madalena 85
- Maria, mãe de Jesus 53
- Martin, Joan 146
- Maternal-feminino 144-145. *Cf. também:* Maternidade
- Maternidade: contrastada com o papel da avó 50 n.13; debate sobre o papel 111 n.36; literatura acadêmica dos anos 1960: 98-99. *Cf. também:* Feminismo maternal
- Matriarcado 143-144
- Matrimônio 111 n.36
- Meeks, Wayne 108
- Metis 87
- Método(s): reconstrutivos da história usados na interpretação 163-169; retórico sócio-histórico da interpretação feminista 184-185; tipológico da leitura bíblica 52-53
- Metodologia: corretiva e revisionista 157-163; histórico-reconstrutiva 163-169. *Cf. também tipos específicos de metodologias*
- Midrash 170-171; 190-191; 202
- Midrash, *The: An Introduction* (Jacob Neusner) 190
- Miller, Alice Duer 71
- Miriam 202
- Missionários 58
- Modelo: consumista de aprendizagem 45; 46; da rápida deterioração 166-167; da sucessão apostólica 167; de aprendizagem de mestre-aprendiz 44; 46; de crescimento e desenvolvimento 167; 207; de origens imaculadas e deterioração 207; de ortodoxia-heresia 167; 207; de substituição (judaísmo – cristianismo) 207; de supremacia 167-168; interpretativo de dois passos 17; linguístico da transmissão 43; terapêutico de aprendizagem 45-46; Modelos sócio-científicos 164-165
- Modernidade 57-58
- Morrison, Toni 209
- Morton, Nelle 35-36
- Mott, Lucretia 157
- Mouffe, Chantal 123
- Movimento de Libertação das Mulheres: objetivo 146; história de movimentos de mulheres e M. 96-99; M. e teologia nos anos 1970: 97-98
- Movimentos de base 95-96. *Cf. também:* Movimentos de mulheres
- Movimentos de mulheres: democracia radical e M. 95-96; distanciamento de estudos bíblicos feministas de M. 24-25; história 96-99
- Muçulmana, Pesquisa bíblica feminista 24

- Mudança: cf. Transformação
- Mulh*r: motivo do asterisco (e da barra no original *wo/man*) 73-74; 125; 235
- Mulher Eterna, A* (Gertrud von LeFort) 82
- Mulh*r sirofenícia, 53; 177; 179
- Nationalsocialismo 27
- Neusner, Jacob 190
- Neutralidade de valores 55
- Newsom, Carol 176
- “Nobre Selvagem” 145
- Novo Historicismo 165
- Novo Testamento: discussão do termo 36 n.8
- Nussbaum, Martha 48
- O Segundo Sexo* (Simone de Beauvoir) 98 n.32
- Opressão: cf. Dominação versus Opressão
- Origens cristãs a partir da mulher* (tradução de *In Memory of Her* por Schüssler Fiorenza) 108-109; 165
- “Outro”, O: abordagem reconstrutiva feminista crítica e o “O”. 168; estudos históricos e o “O.” 166; interpretação retórico-emancipatória e o “O.” 60
- Parábolas Hoje* (CEBs SP) 172
- Paradigmas de aprendizagem/leitura 38-64
- Paradigma científico: leitura bíblica e P. 55-56; como oposto da conscientização 111-112; correções à Modernidade promovida pelo P. 56; pedagogia do P. 48-49. Cf. também: Paradigma científico-positivista
- Paradigma científico-positivista: colonialismo e P. 63; democracia de base e P. 115; sobre 1Cor 14: 63; visão geral 55-56; 66. Cf. também: Paradigma científico
- Paradigma hermenêutico-cultural: no exemplo de 1Cor 14: 61, 62; visão geral 56-57; resumo 67
- Paradigma revelatório-doutrinal: em 1Cor 61-62; visão geral 53-55; resumido 66
- Patriarcado: como categoria dualista de análise 133-134; Movimento de Libertação das Mulheres e P. 108-109; na igreja 147; no Japão 139-140. Cf. também: Kyriarcado
- Paulo (apóstolo) 62-63
- Pecado (estrutural) 128-129
- Pedagogia dos Oprimidos* (Paulo Freire) 111; 180
- Pensamento processual 145
- Perturbação, Princípio da 28
- Pilar Aquino, Maria 72
- Plaskow, Judith 109; 128
- Platão 141; 188
- Poder: como critério para determinar a opressão 125; crítica cultural sobre P. 97; interpretação retórico-emancipatória 62; na democracia radical 141; P. kyriarcado em democracias liberais 141; Rousseau sobre P. 22 n.4; teologia de libertação e teoria do P. 104; teologia da libertação feminista sobre patriarcado e P. 133-134
- Porton, Gary G. 170-171
- Pós-feminismo 78
- Posição: estrutural 123-124; 137; subjetiva 123-124; 137
- Positivismo 55-56; 206-207. Cf. também: Paradigma científico-positivista
- Pós-modernismo: limitações 58; na academia 57; sobre a Modernidade 57; sobre 1Cor 14: 62; sobre o Movimento das Mulheres nos anos de 1970: 101. Cf. também: Feminismo pós-moderno
- Pragmatismo visionário 211
- Prisca 162
- Proba 162
- Procter-Smith, Marjorie 160
- Proféticas, Tradições 41
- Protestantismo 167. Cf. também: Reforma
- Psicodrama 172; 181
- Rabinos 26-27; 190
- Racismo 135
- Rainha do Sul 214-215
- Razão 30; 47; 57

- Re(-)lembança 205-208
- Reader-response criticism* ["Crítica da resposta/reacção da/do leitor(a)"] 173; 177
- Reconstrução 143-149; 205-208
- Redmond, Sheila 199
- Reforma (protestante) 47; 54
- Regimes da verdade 60
- Re-Imagining Conference* (Minneapolis 1993) 39-40
- Retórica: definição 17. *Cf. também:* Interpretação retórico-emancipatória
- Reversão de papéis 177-178
- Rich, Adrienne 77
- Ricoeur, Paul 207
- Role-play* 171-172; 203; 204
- Romanticismo 40
- Rothschild Laeuchli, Evelyn 181
- Rousseau, Jean Jacques 22 n.4
- Ruah* 36
- Sapientia* 36; 37; 38-39
- Sara 177
- Saving, Valerie 145
- Schneiders, Sandra 161
- Sêneca 47
- Sexo 129-132. *Cf. também:* Gênero
- Shekhiná* 36; 38; 85; 93; 205
- Society of Biblical Literature* 26
- Sofia: controversas sobre a compreensão 40; a Deusa e a S. 38; Escrituras judaicas sobre YHWH e S. 39; feministas europeias sobre S. 40; pesquisa recente 39-41
- Sola scriptura* 54
- Spelman, Elizabeth 125
- Stanton, Elizabeth Cady 80
- Strobel, Regula 210
- Sucessão apostólica, Modelo hierárquico da 207
- Suchocki, Marjorie 145
- Superioridade / Inferioridade 104-105; 111
- Suskin Ostriker, Alicia 50-51
- Swidler, Leonard 141
- Talpade Mohanti, Chandra 146
- Tatman, Lucy 35
- Teatro Popular* (Augusto Boal) 180
- Teologia: definição 98-99
- Teologia da Libertação: inícios 102; ponto de partida 105; sobre as/os oprimidas/os 103-104; 187; sobre pecado estrutural 128; sobre poder 104; T. latinoamericana 102
- Teologia da libertação feminista: inícios 99-100; 101; sobre o patriarcado 133
- Teologia feminista: "Latina" 71-72; judaica 121; *mujerista* 71; negra 102; *womanista* 71; 180
- Teoria de libertação 104
- Teoria feminista: sobre o patriarcado 133-134; sobre sexo e gênero 129-133
- Terapeutas (Egito) 160
- Testamento Cristão: discussão do termo 36 n.8
- Texts of Terror* (Phyllis Trible) 89
- Tipológico, Método t. da leitura bíblica 52-53
- Tocqueville, Alexis de 122
- Torá 27; 121; 190; 211
- Transformação: distanciamento de estudos bíblicos feministas 24; hermenêutica da T. 209-212
- Trible, Phyllis 89
- Trindade 158
- Tutu, Desmond 58
- Violência 127
- Wadud-Muhsin, Amina 24
- Wainwright, Elaine 161
- Walker, Alice 71
- Washburn, Penelope 145
- Waskow, Arthur 121
- Weems, Renita 170
- Weil, Simone 104
- West, Cornel 97
- Whitehead, Alfred North 145
- Winter, Miriam Therese 159
- WomanWord* (Miriam T. Winter) 159
- YHWH 39
- Young, Iris Marion 126